

4.

Brincando com fogo: agressividade e transicionalidade

Para chegar rapidamente à idéia que tenho em mente poder-se-ia usar com proveito a idéia do fogo que sai da boca do dragão. Cito Plínio, que (prestando tributo ao fogo) indaga: “Quem pode dizer se, em essência, o fogo é construtivo ou destrutivo?”

(Winnicott, 1968)

Ao final da década de 50, o potencial agressivo juntamente com os cuidados maternos já constituía o cerne da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, a qual ele já se referia, agora, como uma teoria do amadurecimento. No seu entender, “*a maturação requer e depende da qualidade do ambiente favorável*” (Winnicott, 1963c, p. 164 – o grifo é do autor). Como observa Phillips (1988), através do trabalho de Winnicott e de outros teóricos da Escola Inglesa, a psicanálise deixou de ser apenas uma teoria sobre o desejo sexual para ser também uma teoria da provisão emocional. Na década de 60, através do conceito de objeto transicional, Winnicott tentou responder a questão: como pode o bebê ou a criança atingir, eventualmente, um estágio de relativa independência, partindo de uma provisão ambiental inicialmente boa, na qual a criatividade primária e a capacidade para a ilusão são fatos estabelecidos no seu desenvolvimento? Na concepção de Winnicott (1962b), era preciso chegar a uma teoria do desenvolvimento normal para podermos ser capazes de compreender as doenças e as várias imaturidades.

A história do desenvolvimento emocional de uma criança é tremendamente complicada... precisamos chegar a uma teoria do desenvolvimento normal para podermos ser capazes de compreender as doenças e as várias imaturidades, uma vez que já não damos mais por satisfeitos a menos que possamos preveni-las e curá-las. Não aceitamos a esquizofrenia infantil mais do que aceitamos poliomielite ou a condição da criança espástica. Tentamos prevenir, e esperamos ser capazes de conduzir à cura onde quer que haja anormalidade que signifique sofrimento para alguém (Winnicott, 1962b, p.65).

Ainda que em sua abordagem Winnicott (1968f) considerasse que a influência do ambiente externo é decisiva quanto ao modo com que o bebê irá lidar com sua agressividade inata, esta não era uma questão tranqüila para ele. Como ele mesmo afirma, é a “*idéia de um primeiro impulso destrutivo é a que é difícil de compreender. É isto que precisa de atenção e debate*” (p.186). E, de certo modo, foi a isso que ele se dedicou por

mais de trinta anos: enquanto desenvolvia sua teoria do desenvolvimento emocional e sua investigação sobre o papel desempenhado pela agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. Em uma nota de rodapé, escrita em 1970 no livro *Natureza Humana*¹, ele esclarece que uma das razões de ter adiado a publicação desse livro foi a sua dificuldade em “admitir a existência de uma agressividade primária e um impulso destrutivo, que é indistinguível do amor primário” (Winnicott, 1988[54], p. 99). Uma questão que, como ele mesmo confessa, só seria resolvida em 1968, em “*O Uso de um Objeto*”. Durante este tempo, Winnicott realizou uma ampla reflexão acerca dos aspectos criativos e destrutivos inerentes à natureza humana, que só viria à luz em seus últimos trabalhos, reunidos, principalmente, em seu livro *O Brincar e a Realidade*, publicado pouco antes da sua morte.

Paralelamente à sua preocupação com os impulsos destrutivos, Winnicott considerava que o problema que envolve as raízes da atividade construtiva é “um tema que se apresenta repetidamente no trabalho analítico e é sempre de grande importância. Tem a ver com as relações entre construção e destruição” (Winnicott, 1960d, p.153). Desse modo, enquanto encontramos na tradição psicanalítica uma tendência a fazer coincidir a questão da agressividade à da destrutividade, Winnicott retoma essa discussão, introduzindo um termo novo: a criatividade. Em sua obra, a relação entre agressividade, criatividade e destrutividade vem à luz no contexto da sua contribuição mais original – o espaço potencial – introduzida, em 1951, no artigo *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*.

Desde 1952, quando afirmou que “*isso que chamam de bebê não existe*” (Winnicott, 1952b, p.165), Winnicott empenhou seus esforços em descrever os primórdios da vida psíquica, tentando desvendar a forma de relação existente entre a subjetividade do bebê e a sua luta para conseguir perceber objetivamente o mundo. Para ele, no estágio inicial do desenvolvimento, no qual a dependência do bebê ao meio ambiente é absoluta, o ‘eu’ do bebê não está separado do ‘não-eu’, “o que vemos é a dupla maternante” (Idem). O objeto nessas relações primitivas é, para o bebê, indiscernível do seu próprio eu. Winnicott referiu-se a tal objeto como um objeto subjetivo a fim de diferenciá-lo de um objeto

¹ O livro *Natureza Humana* foi escrito por Winnicott no verão 1954, num período de tempo relativamente curto, contudo, ele seria publicado, apenas depois da sua morte, em 1988. O livro tinha como “propósito original fornecer as anotações que os estudantes [do curso *Crescimento e Desenvolvimento Humano*] não conseguiam fazer, e colocá-las à disposição de todos os estudantes da natureza humana” (Winnicott, C., 1990, p.15). Winnicott, no entanto, enquanto viveu, não cessou de revê-lo e revisá-lo.

objetivamente percebido. Ele buscava compreender como se dá a transição desse estágio inicial de dependência absoluta, no qual o bebê encontra-se fusionado à mãe, aos estágios posteriores de dependência relativa. A seu ver, a partir dessa condição inaugural de fusão mãe-bebê, haveria uma diferenciação gradual do bebê em relação à sua mãe:

Um processo de transição da dependência absoluta a ela [mãe] como um objeto subjetivamente concebido – o seio descoberto quando imaginado pelo bebê faminto, ainda que por mágica – em direção a uma independência relativa de, e de relacionamento com, um objeto descoberto estar além do controle onipotente” (Phillips, 1988, p. 114).

Nessa jornada, ele postulou a existência de uma área intermediária da experiência, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa

Desde o nascimento, o ser humano está envolvido com o problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido e, na solução desse problema, não existe saúde para o ser humano que não tenha sido iniciado suficientemente bem pela mãe. *A área intermediária a que me refiro é a área que é concedida ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade.* Os fenômenos transicionais representam os primeiros estágios do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser humano, significado na idéia de uma relação com um objeto que é por outros percebido como externo a esse ser. (Winnicott, 1951, p. 26 – o grifo é autor).

Sensível à importância dos *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* – um fator universal nas vidas dos bebês e das crianças -, Winnicott, por mais de vinte anos, buscou integrar a observação desses fenômenos à sua teoria do desenvolvimento emocional. Desta feita, ele acabou por trazer à luz a complexidade e a significância dos estágios primitivos da relação de objeto e da formação de símbolos e estender sua investigação aos vínculos que os indivíduos estabelecem com a cultura. Para Khan (2000), ele “interessou-se tanto pelo modo como a cultura, com seu amplo vocabulário de símbolos e suas atividades simbólicas, ajuda o indivíduo a encontrar e a realizar a si mesmo” (p. 21). Na opinião desse autor, “o conceito de objeto transicional ajudou o pensamento psicanalítico a reavaliar o papel da cultura como uma contribuição positiva e construtiva à experiência humana, em vez de como fonte de mal-estar” (Idem).

Em sua abordagem, Winnicott (1964a) situa o problema da relação entre agressividade, criatividade e destrutividade no âmbito do contato primário com a realidade externa. Numa primeira aproximação, a fim de diferenciá-los, ainda que de modo

esquemático e artificial, podemos dizer que, enquanto a agressividade é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo, um impulso que clama por relacionamentos, a criatividade “é a tendência geneticamente determinada do indivíduo para estar e permanecer vivo e para se relacionar com os objetos que lhe surgem no caminho durante os momentos de obter algo” (Winnicott, 1970c, p. 26), ou seja, “um impulso inato que se dirige à saúde” (Abram 2000, p.84). Por fim, a destrutividade é a qualidade própria ao estar vivo, segundo Winnicott (1968f), “a pulsão é destrutiva” (p.186). Contudo, é digno de nota que, ainda que possamos fazer distinções entre esses termos, eles guardam entre si um denominador comum: o fato de podermos fazer remontar, cada um, em suas origens, à atividade que caracteriza a qualidade de estar vivo.

Nesse momento, vale lembrar a importância que Winnicott atribui aos fatores ambientais com relação às vicissitudes e aos significados que os impulsos agressivos poderão adquirir ao longo do desenvolvimento. Mais especificamente: a relação mãe-bebê ocupa o centro de sua teoria, servindo de alicerce e matriz desse desenvolvimento e, como vimos no capítulo anterior, é através do impulso agressivo que se estabelece o relacionamento com a realidade externa, desde os primórdios da nossa existência. Em sua trajetória, Winnicott acaba por comparar o impulso agressivo ao fogo e, citando Plínio, nos lança a pergunta: “quem pode dizer se, em essência, o fogo é construtivo ou destrutivo?” (Winnicott, 1968f, p. 185).

Partindo desta indagação, é nossa intenção abordar a relação entre agressividade, criatividade e destrutividade, investigando suas vicissitudes ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento, postuladas por Winnicott, ao levar em conta a condição de dependência do bebê humano ao nascer. O fato da dependência é uma das vigas mestras da sua teoria do desenvolvimento emocional. No seu entender, “é importante ter em mente o conceito de dependência absoluta (do bebê em relação ao meio ambiente), que se transforma rapidamente em dependência relativa, sempre numa trajetória em direção à independência (que jamais é alcançada)” (Winnicott, 1968b, p.80). A fonte desse progresso é o *processo maturacional* inato no indivíduo. Nessa jornada, “o bebê, a princípio vive em um mundo subjetivo” (Winnicott, 1970b, p. 220), ainda não estabeleceu uma distinção entre o que constitui o EU e o NÃO-EU. Nesse contexto, “o comportamento do meio ambiente faz parte do bebê da mesma forma que o comportamento de seus

impulsos hereditários para a integração, para a autonomia e a relação com objetos, e para uma integração psicossomática” (Winnicott, 1968b, p.80). No entanto, como observa Winnicott (1969b), a passagem para o estágio seguinte, a percepção objetiva da realidade não se dá simplesmente em função da operação das tendências herdadas do bebê. Trata-se de uma passagem que pode nunca acontecer, apesar das tendências herdadas estarem perfeitamente boas no bebê. Para ele, “este desenvolvimento se dá *por causa das experiências que o bebê tem do comportamento adaptativo da mãe* (ou substituto materno), ... [é] o comportamento adaptativo da mãe [que] torna possível ao bebê encontrar fora do *self* aquilo que é necessário e esperado” (p. 197). Não obstante, entre a experiência com o objeto subjetivo e o uso de um objeto, objetivamente percebido, Winnicott postulou a existência de uma área intermediária da experiência, que favoreceria a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da área do seu controle onipotente. Desta feita, vale lembrar que, em Winnicott (1970b), a agressividade é um impulso inato, bem como faz “parte do exercício *que pode conduzir à descoberta de objetos que são externos*” (p. 221 – o grifo é do autor)

Winnicott iniciou seu percurso investigando de maneira sensível e abrangente os impulsos agressivos. Tendo em mente que “a base para o estudo da agressividade real deve ser o estudo das raízes da intenção agressiva” (Winnicott, 1950-55, p.288), ele chegou ao problema da pré-história do elemento agressivo, postulando que “em suas origens, a agressividade é quase sinônimo de atividade” (Idem, p.289). Ainda que tenha partido de um estudo exaustivo sobre a raiz instintiva dos impulsos agressivos - a ausência de compaixão inerente aos impulsos do amor primário (*ruthless love*) -, Winnicott encontrou na motilidade primária o que tanto buscava: a origem não-pulsional da agressividade. Essa descoberta, juntamente com as demais, realizadas na década de 50 - a necessidade de se levar em conta o fato da dependência do bebê e a existência de uma área intermediária da experiência, os fenômenos e os objetos transicionais -, resultaram na sua contribuição mais original sobre essa temática: a raiz não-pulsional da agressividade que permite vincular a questão da agressividade à da criatividade e, no mesmo golpe à da destrutividade.

Em nossa exposição, é chegada a hora de nos ocuparmos, de modo mais abrangente, dessa raiz não-pulsional da agressividade. Como já fizemos anteriormente, respeitaremos o percurso de Winnicott, privilegiando, inicialmente, a relação entre agressividade e criatividade para, em seguida, através da noção de uso de objeto, abordar o

problema da destrutividade. Por fim, investigaremos os principais transtornos da agressividade, algumas das vicissitudes possíveis dos impulsos agressivos, quando estes tiveram que lidar com a incidência de falhas ambientais.

4.1 A noção de criatividade em Winnicott

*O bebê, novo para o céu e para a terra,
Jamais imagina que, no momento em que
Sua tenra palma pressiona o círculo do seio,
Isto é Eu*

*Mas à medida que ele cresce, apreende muito
E aprende o uso de 'Eu' e 'mim',
Descobrimo que 'não sou o que vejo,
E sou diferente do que toco'*

*Assim, circunda-o uma mente separada
A partir da qual a memória pura deve começar
Como se a trama que o aprisiona
Em seu isolamento começasse a se definir.
(Tennyson, In Memoriam XLIV, 1850)²*

Antes de qualquer coisa, é preciso ter em mente que a abordagem de Winnicott em relação à questão da criatividade apresenta algumas divergências em relação ao trabalho tanto de Freud quanto de Melanie Klein. Em linhas gerais, podemos dizer que, em Freud, a questão da criatividade restou vinculada à sua teoria da sublimação, que em certa medida permaneceu uma teoria em aberto. Em Klein ela aparece associada aos impulsos reparadores inerentes à posição depressiva, a qual, segundo Winnicott, seria uma conquista relativamente tardia do desenvolvimento emocional primitivo. Segundo Abram (2000), o conceito de criatividade primária surge na obra de Winnicott na década de 50, enquanto ele elabora suas idéias sobre a importância decisiva da função da mãe para o desenvolvimento do bebê.

Em 1948, ele já manifesta sua discordância com relação à concepção kleiniana, ao sugerir que existem outras raízes da criatividade, ainda que a reparação forneça “um vínculo importante entre o impulso criativo e a vida vivida pelo paciente” (Winnicott,

² *The baby new to earth and sky/ What time his tender palm is prest/ Against the circle of the breast/ has never thought this is his; But as he grows he gathers much/ And learns the use of "I" and "me",/ And finds "I am not what I see, And other than the things I touch"./ So rounds he a separate mind/ From whence the frame that binds him in/ His isolation grows defined. (Tennyson, 1850, apud, Davis, 1981, p. 25)*

1948a, p. 156). Em 1958, ao tecer um comentário sobre o artista criativo, Winnicott vincula a criatividade à ausência de compaixão (*ruthlessness*): “tenho um respeito sub-reptício pela falta de piedade (*ruthlessness*) que leva de fato, em tais circunstâncias, a conseguir mais do que o trabalho orientado pela culpa” (Winnicott, 1958a, p.29). Ou seja, ele relança o problema da relação entre agressividade, criatividade e destrutividade, vinculando a destrutividade própria à agressividade primária – *ruthlessness* - que, por sua vez, é inerente aos impulsos do amor primário, à criatividade.

Em 1951, no artigo *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*, Winnicott se refere à capacidade de o bebê criar o seio, situando a criatividade no centro e no início da relação primordial:

... o seio é criado pelo bebê repetidas vezes, pela capacidade que tem de amar ou (pode-se dizer) pela necessidade. Desenvolve-se nele um fenômeno subjetivo, que chamamos de seio da mãe*. A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato.

* Incluo toda a técnica de maternagem. Quando se diz que o primeiro objeto é o seio, a palavra ‘seio’ é utilizada, acredito, para representar tanto a técnica da maternagem quanto o seio físico (Winnicott, 1951, p.26).

Winnicott introduz a noção de criatividade chamando a atenção para o paradoxo envolvido nessa questão: para que o bebê possa criar o seio é necessário que a mãe coloque o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato. A seu ver, esse paradoxo deve ser “aceito, tolerado e respeitado, e não resolvido” (Winnicott, 1951, p.s/n). Como assinala Khan (2000), Winnicott percebeu que para nós, seres humanos, “a verdade só funciona através da metáfora ou do paradoxo” (p. 17). Segundo Winnicott, “a vida é uma pirâmide invertida e o ponto sobre o qual ela repousa é um paradoxo. O paradoxo exige aceitação como tal e não precisa ser resolvido. Isto é loucura permitida, uma loucura que existe dentro do arcabouço de sanidade. Qualquer outra loucura é uma amolação, uma enfermidade” (Winnicott, 1970b, p.220 – o grifo é do autor).

Para que a mãe possa desempenhar satisfatoriamente a sua função – situar o objeto no lugar e no momento adequados – é necessário que ela esteja profundamente identificada com o seu bebê, adaptando-se ativamente às suas necessidades. Nessas condições, “em grande parte, ela é o bebê, e o bebê é ela” (Winnicott, 1966c, p.4). Winnicott chamou esse estado de sensibilidade muito especial, no qual a mãe ingressa

pouco antes de dar à luz e do qual se recupera algumas semanas ou meses após o nascimento, de preocupação materna primária.

Essa condição organizada (que seria uma doença no caso de não existir uma gravidez) poderia ser comparada a um estado de retraimento ou de dissociação, ou a uma fuga, ou mesmo a um distúrbio num nível mais profundo, como por exemplo um episódio esquizóide, onde um determinado aspecto da personalidade toma poder temporariamente. Gostaria muito de encontrar um bom nome para essa condição, e propor que ele seja adotado como algo a ser levado em consideração toda vez que fosse feita referência à fase inicial da vida do bebê. Não acredito que seja possível compreender o funcionamento da mãe no início mesmo da vida do bebê sem perceber que ela deve alcançar esse estado de sensibilidade exacerbada, quase uma doença e recuperar-se dele (Winnicott, 1956a, p. 401).

É importante notar que, ainda que o papel da mãe seja decisivo nessa relação primordial, “aqui, como sempre na obra de Winnicott, há uma ênfase na iniciativa da ação no bebê... e não no ambiente, embora o contexto ambiental e a técnica fornecida pela mãe específica de um bebê específico sejam vitais” (Davis, 1981, p. 40). Para ele, o que importa é que, “seja qual for o grau de importância que atribuímos ao ambiente, o indivíduo permanece, e dá ao ambiente um sentido” (Winnicott, 1988[54], p.119).

Segundo Abram (2000), conceito de criatividade começa a ganhar forma em 1953, por ocasião de um comentário de Winnicott à obra de Fairbairn. Nessa oportunidade, ele afirma a necessidade de se postular a existência de uma criatividade primária, de modo que se possa contemplar um “campo da experiência infantil e do desenvolvimento egóico, que não necessariamente estão associados ao conflito pulsional” (Winnicott, 1953, apud. Abram, 2000, p. 84).

... apenas recentemente os analistas começaram a sentir a necessidade de elaborar uma hipótese que contemplasse o campo da experiência infantil e do desenvolvimento egóico, que não necessariamente estão associados ao conflito pulsional, e onde existisse intrinsecamente um processo psíquico comparável àquele que denominamos de ‘criatividade (psíquica) primária’ (Winnicott, 1953, apud. Abram (2000), p. 84).

Há dois anos Winnicott havia introduzido os termos ‘objetos transicionais’ e ‘fenômenos transicionais’ para designar uma área intermediária de experiência, uma “área de desenvolvimento e experiências individuais [que] parece ter sido desprezada [pelos psicanalistas], enquanto a atenção se focalizava na realidade psíquica, pessoal e interna, e sua relação com a realidade externa ou compartilhada” (Winnicott, 1971b, p.s/n). Como

observa Davis (1981), trata-se de uma parte da sua teoria que deve a sua evolução a uma observação direta, simples e sensível, oriunda de sua experiência clínica como pediatra. Winnicott notou que o primeiro objeto possuído pelo bebê tinha uma importância especial para ele, a qual era reconhecida, consentida e respeitada pelos pais. A partir de suas observações, ele fez remontar a origem dessa primeira possessão não-eu do bebê - o objeto transicional - a formas muito primitivas de se relacionar e brincar.

Para Winnicott uma investigação acerca dos fenômenos transicionais e, portanto, de uma dimensão não-pulsional, “não pode, na realidade, estar fora do campo daqueles cujo interesse é a magia do viver imaginativo e criador” (Winnicott, 1971b, p.s/n). Mas, além de tentar desvendar o enigma colocado pelo psiquismo humano, há o interesse de Winnicott em compreender a experiência do existir humano. Na sua opinião, “essa teoria não afeta o que conhecemos a respeito da etiologia das psiconeuroses, ou do tratamento de pacientes psiconeuróticos; tampouco se choca com a teoria estrutural da mente, formulada por Freud. Mas afeta nossa visão da pergunta: “sobre o que versa a vida?” (Winnicott, 1967d, p.138). Winnicott relata como foi conduzido a refletir sobre essas questões a partir do tratamento de psicóticos: “Os pacientes psicóticos que pairam permanentemente entre o viver e o não viver, forçam-nos a encarar esse problema, problema que é realmente próprio, *não dos psiconeuróticos, mas de todos os seres humanos*” (Idem, p.139). A seu ver, era insuficiente uma descrição da natureza humana que fosse formulada apenas em termos de uma realidade psíquica interna em oposição à uma realidade externa compartilhada. Existiria uma “terceira parte da vida do ser humano, parte que não podemos ignorar, que constitui uma área *intermediária* de experimentação, para qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa” (Idem, p. 15 – o grifo é do autor). Ele prossegue esclarecendo:

Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas (Winnicott, 1951, p.15).

Portanto, é a este “lugar de repouso” que Winnicott está se referindo, em 1953, ao formular a hipótese de uma criatividade primária inerente a um campo da experiência que não estaria associado ao conflito pulsional. Para ele, “seja qual for a definição [de criatividade] a que chegemos, ela deve incluir a idéia de que a vida vale a pena – ou não –

ser vivida, a ponto de a criatividade ser – ou não – uma parte da experiência de vida de cada um” (Winnicott, 1970c, p.23). A noção de criatividade acabou por se tornar sua principal referência na avaliação da experiência clínica, servindo de fundamento para uma ampla reflexão sobre a questão da saúde³. A seu ver, saúde é sinônimo de “espontaneidade e intuição” (Phillips, 1988, p. 54). Da mesma forma, ele considerava a “doença uma inibição do potencial de espontaneidade que, para ele, caracterizava a vivacidade de uma pessoa” (Idem, p. 2).

4.2 Um começo de muitos começos: o pequeno Deus, o verdadeiro *self* e a criação do mundo.

O que se comunica ao bebê é: ‘Venha para o mundo de uma forma criativa, crie o mundo; só o que você criar terá significado para você’. E em seguida: ‘O mundo está sob o seu controle’. A partir desta experiência de onipotência inicial o bebê é capaz de começar a experimentar a frustração, e até mesmo a de chegar um dia ao outro extremo da onipotência, isto é, de perceber que não passa de uma partícula do universo, um universo que ali já estava antes mesmo da concepção do bebê, e que foi concebido por um pai e uma mãe que gostavam um do outro. Não é a partir da sensação de ser Deus que os seres humanos chegam à humildade característica da individualidade humana?

(Winnicott, 1968)

Como vimos anteriormente, em 1945, ao estabelecer a sua teoria sobre *O Desenvolvimento Emocional Primitivo*, Winnicott postula a existência de três processos “cujo início ocorre muito cedo: 1- integração; 2- personalização; 3- em seguida a estes, a apreciação do tempo e do espaço e de outros aspectos da realidade – numa palavra a realização” (Winnicott, 1945a, p. 223). Nesse momento, o texto, além de sugerir a existência de uma certa seqüência entre os processos, apresentava o problema da relação com a realidade externa como uma “questão de dimensões colossais” (Idem, p. 227), que seria alcançada mediante o fenômeno da integração. Em *Natureza Humana* (1988[54]), ao fornecer uma apresentação alternativa desse tema, ele irá se referir aos três processos como três linguagens diferentes para a descrição dos fenômenos precoces do desenvolvimento

³ Recomendamos ao leitor interessado sobre nessa temática a leitura do artigo, *O Conceito de Indivíduo Saudável*, Winnicott, 1967a.

emocional. Além disso, ele altera a ordem de apresentação da seqüência, colocando o estabelecimento da relação com a realidade externa em primeiro lugar, acrescido do seguinte comentário: “não me foi possível encontrar uma seqüência óbvia no desenvolvimento que possa ser utilizada para determinar a ordem dessa descrição”. (Winnicott, 1988[54], p. 119). Ainda que Winnicott (1945), aparentemente, não tenha chegado a uma conclusão definitiva sobre essa “questão de dimensões colossais” (p. 227), ele não hesita em afirmar que o problema do relacionamento com a realidade externa se coloca desde o início e que não se trata de uma conquista do desenvolvimento. Além disso, seu comentário, ao sugerir uma possível coexistência desses processos, nos permite entrever a complexidade que envolve esses acontecimentos precoces:

Desde o início da sua obra Winnicott deixaria claro o papel do ambiente na constituição da subjetividade humana. Sobretudo, considerando as relações indivíduo-meio a partir de uma lógica não mecanicista ou linear. Para ele o sujeito é sempre auto-hetero-constitutivo, fruto de mecanismos complexificadores que não se esgotam numa estrutura pré-definida. Aquilo que o define como sujeito singular – portanto, como diferença -, advém de uma experiência paradoxal, engendrada pela retroação de seu potencial herdado com a participação ativo-adaptativa do meio ambiente facilitador: a criatividade primária (De Leo, 2005, p. 36-7).

Nessa empreitada, ele situa o problema da criatividade primária nos primórdios do desenvolvimento emocional, abordando-o através do conceito de ‘primeira mamada teórica’, ao mesmo tempo, fundamento de todos os relacionamentos excitados posteriores e protótipo de “qualquer primeiro contato teórico” (Winnicott, 1988[54], p. 134). Segundo Winnicott, “a primeira mamada teórica é representada na vida real pela soma das experiências iniciais de muitas mamadas” (Idem, p. 126). Ela é descrita, por ele, nos seguintes termos:

O bebê está com uma crescente tensão instintiva. Desenvolve-se uma expectativa, um estado de coisas no qual o bebê está preparado para encontrar algo em algum lugar, mas sem saber o quê. Não há expectativa semelhante no estado tranqüilo ou não-excitado. Mais ou menos no momento certo, a mãe oferece o seio (Winnicott, 1988[54], p. 120).

Ainda que, “devido à extrema imaturidade do bebê a primeira mamada não possa ser significativa como experiência emocional, não resta dúvida de que se a primeira mamada ocorre satisfatoriamente, estabelece-se um contato, de modo que o padrão das mamadas se desenvolve a partir dessa primeira mamada” (Winnicott, 1988[54], p. 120). Winnicott chama a atenção para o fato de que, estas experiências excitadas são realizadas

contra um fundo de tranqüilidade, no qual existe um outro tipo de relacionamento entre o bebê e a mãe⁴ e, no seu entender, esse estado tranqüilo certamente é o primário.

Nos momentos inaugurais da existência, a dependência é um fato, “o lactente existe tão-somente por causa do cuidado materno, junto com o qual ele forma uma unidade” (Winnicott, 1960b, p. 42). Com a expressão ‘relacionamento tranqüilo’ Winnicott abrange todas as experiências do bebê que se desenrolam entre as mamadas e, das quais, não participa a tensão instintual. Neles o bebê encontra-se “elaborando imaginativamente os estados fisiológicos da digestão, ou envolvido pelos ruídos, cheiros e movimentos do ambiente” (Dias, 2003, p. 191). Esse tipo de relacionamento tranqüilo resulta dos cuidados maternos, especialmente daquilo que Winnicott designa por *holding* – segurar –, abrangendo com isso “a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a e dá-lhe banho, balança-a e a chama pelo nome” (Winnicott, 1945a, p. 224). Ou seja, “o termo *holding* é utilizado aqui para significar não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total, anterior ao conceito de ‘viver com’⁵ (Winnicott, 1960b, p.44 – os grifos são do autor). Para ele, o *holding* comporta tudo aquilo que, nesta ocasião, uma mãe é e faz, constituindo-se numa prerrogativa essencial para um bom começo. Nessas condições:

O essencial constitui a mais simples de todas as experiências, a que se baseia no contato *sem atividade* e que cria as condições necessárias para que se manifeste o sentimento de unidade entre duas pessoas, que de fato são duas e não apenas uma. Estas coisas dão ao bebê a oportunidade de ser⁶, a partir da qual podem surgir as coisas seguintes, que têm a ver com a ação, o fazer e o deixar que façam por ele. Aqui estão os fundamentos daquilo que, gradualmente, se torna para o bebê uma existência fundamentada na auto preservação (Winnicott, 1966c, p. 5 – o grifo é nosso).

Winnicott (1966c) fala de “contato *sem atividade*” a fim de ressaltar que nesse tipo de contato, propiciado pelo *holding*, a satisfação pulsional não está em jogo. Aqui, a dependência é absoluta: “o bebê é amparado pela mãe, e só entende o amor que se expressa

⁴ Como vimos no capítulo anterior, Winnicott considera a distinção entre os estados excitados e tranqüilos a dissociação mais primária e fundamental da personalidade, a qual, na década de 60, foi por ele abordada através da diferença entre a mãe-ambiente e a mãe-objeto.

⁵ Segundo Winnicott, nesse contexto “a expressão ‘viver com’ implica relações objetais, e a emergência do lactente do estado de estar fundido com a mãe, e sua percepção dos objetos como externos a ele próprio” (Winnicott, 1960b, p. 44).

⁶ É importante ressaltar que no texto original de Winnicott encontramos a expressão *going on being*, estar sendo, que nos remete à noção de movimento e continuidade, transmitindo, dessa forma, a idéia de uma realidade processual.

em termos físicos [...] nesse momento estamos mais preocupados com a mãe *segurando* o bebê em seus braços - *holding* – do que com a mãe alimentando o bebê” (Winnicott, 1955, p.217). Desse modo, ao contar com um cuidado materno suficientemente bom de início, o bebê não está sujeito a satisfações instintivas a não ser quando há participação do ego. Assim, não é tanto uma questão de gratificar o bebê como de lhe permitir descobrir e se adaptar por si mesmo ao objeto seio. É nesse sentido que devemos compreender a afirmação de Winnicott (1962a) de que “não há id antes do ego” (p. 55). Sem o alicerce de um relacionamento suficientemente bom e tranqüilo, o relacionamento com a realidade externa fica comprometido: “as experiências instintivas , que constituem a base essencial desse relacionamento, não podem ser sentidas com a intensidade completa de um envolvimento total” (Davis, 1981, p. 39).

Vale lembrar que, nesse estágio inicial, “o lactente está não-integrado na maior parte do tempo, e nunca completamente integrado; a coesão dos vários elementos sensório-motores resulta do fato de que a mãe envolve o lactente, às vezes fisicamente e de modo contínuo simbolicamente” (Winnicott, 1960c, p.132). Nessas condições, “o bebê passa com muita facilidade, da integração ao conforto descontraído da não-integração” (Winnicott, 1968b, p. 86). Como observa Abram (2000), Winnicott “passa a descrever esse estado de ‘ser’ como um estado de não-integração” (p.240):

... nos momentos tranqüilos dizemos que não existe uma ordem, mas apenas uma profusão de coisas distintas, o céu visto por entre as árvores, algo a fazer com os olhos da mãe que vêm e vão vasculhando tudo. Falta a necessidade de qualquer integração... é extremamente importante ser capaz de manter isso. Sem isso alguma coisa é perdida. Algo relacionado a estar calmo, descansado, relaxado e sentindo-se ‘um’ com as pessoas e as coisas quando não há excitação ao redor (Winnicott, 1948, apud. Davis, 1981, p. 35).

Winnicott irá se referir às necessidades mais iniciais do bebê como necessidades do ego, em oposição às necessidades do id que colocam em cena a questão da satisfação dos instintos. A seu ver, “pode-se usar a palavra ego para descrever a parte da personalidade que tende, sob condições favoráveis a se integrar em uma unidade [...] O ego se oferece para estudo muito antes da palavra *self*⁷ ter relevância” (Winnicott, 1962a, p. 55).

⁷Como observa Abram (2000), ainda que a distinção entre *self* e ego seja difícil de ser estabelecida, “é de extrema utilidade ter em mente que, apesar disso nunca ter sido suficientemente esclarecido pelo próprio Winnicott, o ego constitui-se em um aspecto do self que possui uma função bastante particular: organizar e

Para ele, “o *self* verdadeiro provém da vitalidade dos tecidos corporais e da atuação das funções do corpo, incluindo a ação do coração e a respiração [...] e é, de início, essencialmente não reativo aos estímulos externos” (Winnicott, 1960c, p.136). A integração é o principal aspecto dessa etapa inicial desenvolvimento, na qual o ego incipiente do bebê começa a se desenvolver, apoiado pelo ego materno. Aqui as forças do id clamam por atenção e são, de início, externas ao bebê (Winnicott, 1960b).

Deve-se ressaltar que ao me referir a satisfazer as necessidades do lactente não estou me referindo à satisfação dos instintos. Na área que estou examinando os instintos não estão ainda claramente definidos como internos ao lactente. Os instintos podem ser tão externos como o troar de um trovão ou uma pancada. O ego do lactente está criando força e, como conseqüência, está a caminho de um estado em que as exigências do Id serão sentidas como parte do *self*, e não como ambientais. Quando esse desenvolvimento ocorre, a satisfação do id se torna um importante fortificante do ego, ou do *self* verdadeiro, mas as excitações do id podem ser traumáticas quando o ego ainda não é capaz de incorporá-las, e ainda é incapaz de sustentar os riscos envolvidos e as frustrações experimentadas até o ponto em que a satisfação do id se torne um fato (Winnicott, 1960c, p. 129).

Deste modo, “o auxílio do ego do cuidado materno possibilita ao lactente viver e se desenvolver, a despeito de não ser capaz de controlar ou de se sentir responsável pelo que de bom e mau ocorre no ambiente” (Winnicott, 1960b, p. 39). Dizemos, então, “que o apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê” (Winnicott, 1966c, p.9), resultando numa identificação por parte do bebê, “que é menos uma realização do bebê que um resultado do relacionamento que a mãe possibilita... as pessoas chamam de identificação primária. Isso é o começo de tudo⁸, e confere significado a palavra muito simples como ser” (Idem).

O importante é que eu sou *não significa nada, a não ser que eu*, inicialmente, *seja juntamente com um outro ser humano* que ainda não foi diferenciado. Por esse motivo, é mais verdadeiro falar a respeito de *ser* do que usar as palavras *eu sou*. Não é exagero dizer que a condição de ser é o início de tudo, sem a qual o *fazer* e o *deixar que lhe façam* não tem significado. É possível induzir um bebê a alimentar-se e a desempenhar todos os processos corporais, mas ele não sente essas coisas como uma experiência, a menos que esta última se forme sobre uma proporção de simplesmente ser, que seja suficiente para constituir o eu que será, finalmente, uma pessoa. (Winnicott, 1966c p. 9 – o grifo é do autor).

integrar a experiência” (p.221). Para maiores esclarecimentos sobre a distinção entre *self* e ego recomendamos a leitura do capítulo dois desta tese.

⁸ Em 1962, ao afirmar que “o início está no momento em que o ego inicia”, Winnicott acrescenta a seguinte nota: “é bom lembrar que o começo é uma soma de começos” (Winnicott, 1962a, p.56).

Do mesmo modo que Winnicott já fala de *holding* materno mesmo antes de o bebê nascer, ele postula a existência de “um estado de ser que é um fato no bebê normal, antes do nascimento e logo depois” (Winnicott, 1988[54], p.148). Segundo ele, “o desenvolvimento inicial do indivíduo, implica num continuar a ser” (Winnicott, 1949b, p. 334). Esse sentimento de continuidade de ser emerge “como resultado da experiência subjetiva do bebê ser fundido à mãe suficientemente boa” (Abram, 2000, p.238). E, nos termos de Winnicott, “a continuidade de ser significa saúde” (Winnicott, 1988[54], 148).

A capacidade que a mãe possui de ir ao encontro das necessidades em constante mutação e desenvolvimento deste bebê permite que sua trajetória de vida seja relativamente contínua; permiti-lhe também, vivenciar situações fragmentárias ou harmoniosas, a partir da confiança que deposita no fato concreto de o segurarem. [...] ele passa a confiar nos processos internos que levam à integração em uma unidade (Winnicott, 1968b, p. 86).

Winnicott atribui importância vital a esses acontecimentos precoces. A seu ver, “as bases da saúde mental são lançadas na primeira infância, pelas técnicas utilizadas com naturalidade por uma mãe, preocupada em cuidar do seu filho” (Winnicott, 1952c, p.305). “Na verdade, o êxito no cuidado infantil depende de devoção⁹, e não de ‘jeito’ ou de esclarecimento intelectual” (Winnicott, 1951, p. 25). E, “do sucesso nessa etapa depende a saúde mental no que diz respeito à psicose” (Winnicott, 1952c, p. 308). No seu entender, nesses momentos iniciais, a falha de adaptação¹⁰ materna provoca uma distorção nos processos de vida individual do bebê. Ou seja, como ele mesmo afirma, “uma inauguração tão delicada de relacionamento exige certas condições” (Winnicott, 1988[54], p.123). Aqui, o ambiente adquire sua importância máxima na provisão as condições favoráveis à realização das tendências inatas do bebê, ou seja, a integração, a personalização e o relacionamento com a realidade externa. “Igualmente importante, além da integração, é o desenvolvimento do sentimento de estar dentro do próprio corpo” (Winnicott, 1945a, p. 225), em uma palavra, a personalização. Tal como no processo de integração, “é a experiência instintiva e a repetida e silenciosa experiência de estar sendo cuidado fisicamente que constroem, gradualmente, o que podemos chamar de personalização”

⁹ Em 1966, Winnicott utiliza a expressão *a mãe dedicada comum* para se referir a mulher que se encontra engajada na luta pela sobrevivência e, como qualquer outro ser humano, sujeita as venturas e desventuras próprias do viver. O que a distingue é que um dia ela se descobre “anfitriã de um novo ser humano” (Winnicott, 1966c, p. 3).

¹⁰ As conseqüências das falhas do meio-ambiente nesse estágio do desenvolvimento serão abordadas no tópico 4.3 desta tese.

(Idem). Isto “significa que o bebê passa a sentir, como uma conseqüência do toque amoroso, que seu corpo constitui-se nele mesmo (o bebê), e/ou que seu sentimento de *self* centra-se no interior de seu próprio corpo” (Abram, 2000, p. 138). Winnicott chamou a isto de integração psicossomática. A seu ver, “é fácil considerar óbvia a localização da psique no corpo, esquecendo que se trata de algo a ser alcançado” (Winnicott, 1988[54], p.143). “O resultado do progresso normal no desenvolvimento do lactente durante essa fase [do *holding*] é que ele chega ao que se poderia chamar ‘estado unitário’¹¹. O lactente se torna uma pessoa, com individualidade própria” (Winnicott, 1960b, p.45 – o grifo é do autor).

Associada a isso está a chegada do lactente à existência psicossomática, que começa a adquirir um padrão pessoal; eu me referi a isso como a inserção da psique no soma. A base dessa inserção é a ligação das experiências funcionais motoras e sensoriais com o novo estado do lactente de ser uma pessoa. Como um desenvolvimento adicional vem a existir o que poderia se chamar de membrana limitante, que até certo ponto (normalmente) é equacionada com a superfície da pele, e tem uma posição entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’ do lactente. De modo que o lactente vem a ter um interior e um exterior, e um esquema corporal (Winnicott, 1960b, p.45 – o grifo é do autor)

Na medida em que os processos de integração e personalização estão em andamento, amparados por um ambiente facilitador, podemos dizer que o palco está armado para que as experiências instintivas aconteçam e possam ser sentidas como pessoais¹². Esse é o contexto para o qual Winnicott nos chama a atenção: o do relacionamento tranqüilo e harmonioso com a mãe, a fim de considerarmos a realização da primeira mamada (teórica). Nessas condições, e somente nelas, o bebê está pronto para criar, e a mãe torna possível para o bebê ter a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foram criados pelo impulso originado na necessidade. Assim, segundo Winnicott (1988[54]),

Se as complicações não são grandes demais, ocorre algo muito simples. É difícil encontrar as palavras exatas para descrever este simples evento, mas podemos dizer que em razão de uma vitalidade do bebê e através do desenvolvimento da tensão instintiva o bebê acaba por esperar alguma coisa; e então há um movimento de alcançar algo, que pode rapidamente tomar a forma de um movimento impulsivo da mão ou da boca em

¹¹ Lembramos que esse ‘estado unitário’ deve ser considerado como uma condição passível de ser reversível e transitória. Como vimos no capítulo anterior, “a integração da personalidade não é alcançada num determinado dia ou numa determinada época. Ela vem e vai, e mesmo quando alcançada em alto grau pode ser perdida devido a uma situação ambiental adversa” (Winnicott, 1950-55, p.289).

¹² É importante lembrar que, para Winnicott, apenas em termos teóricos podemos falar de uma seqüência lógica entre esses processos, na medida em que, desde o início, eles entrariam em funcionamento de maneira simultânea.

direção a um suposto objeto. Creio que não será inadequado dizer que o bebê está pronto para ser criativo. Haveria a alucinação de um objeto, se houvesse material mnemônico para ser usado nesse processo de criação, mas isso não pode ser postulado considerando-se que é uma primeira mamada teórica. Aqui o ser humano se encontra na posição de estar criando o mundo. O motivo é a necessidade pessoal; testemunhamos então a gradual transformação da necessidade em desejo (Winnicott, 1988[54], p. 122).

Dessa forma, para Winnicott, a mãe, depois de satisfazer as necessidades mais primitivas de seu bebê pelo simples cuidado físico, tem diante de si uma nova tarefa: “ela deve ir ao encontro do momento criativo específico, e saber disso através de sua própria capacidade para identificar-se com o bebê e pela observação do seu comportamento” (Winnicott, 1988[54], p. 122). É nesse contexto de *holding*, quando as experiências do bebê têm início, que ocorrem as comunicações mais importantes entre o bebê e sua mãe. Nessas condições, a comunicação é uma questão de contato físico e se constitui a partir de uma experiência de mutualidade. Sem dúvida, trata-se de uma comunicação silenciosa, que “se baseia na empatia materna mais do que na compreensão do que é ou poderia ser verbalmente expresso” (Winnicott, 1960b, p.41). É essa comunicação silenciosa que auxilia a “mãe a concretizar exatamente aquilo que o bebê está pronto para procurar, de tal forma que ela lhe dá uma idéia das coisas que ele está pronto para procurar” (Winnicott, 1968b, p.89). Ou seja, no âmbito dos primeiros contatos, “a comunicação só se torna ruidosa quando fracassa” (Winnicott, 1969b, p.200).

Segundo Winnicott, a capacidade do lactente de usar símbolos resulta do “êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo ou alucinação sensorial do lactente” (Winnicott, 1960c, p.133). A seu ver, o que deve ser ressaltado na expressão ‘realização simbólica’ presente no trabalho de Sechehaye, é o fato de que “é o gesto ou alucinação do lactente que se torna real” (Idem). Ele considera este um ponto essencial de sua teoria e a única condição que permite que o verdadeiro *self* se torne uma realidade viva. Se tudo correr bem, com o passar do tempo, o gesto criativo, o choro e o protesto, acabam por se transformar em ‘pequenos sinais’ que auxiliam a mãe a realizar a sua tarefa. Nesse momento, certamente, o bebê já estará próximo do fim da fusão com os cuidados maternos.

Winnicott (1960b) chama atenção para a distinção muito sutil que há entre a compreensão da mãe das necessidades do bebê baseada na empatia, e sua mudança para uma compreensão baseada em algo no bebê ou criança pequena que identifica a necessidade. Trata-se de uma tarefa que é especialmente difícil para as mães em virtude das

crianças oscilarem entre um estado e outro com muita facilidade: “em um minuto elas estão fundidas com a mãe e requerem empatia, enquanto no seguinte estão separadas dela, e então, se ela souber suas necessidades por antecipação ela é perigosa, uma bruxa” (Winnicott, 1960b, p. 50).

Segundo Winnicott (1988[54]), é “enganoso pensar no estabelecimento do senso de realidade do bebê como um produto da insistência da mãe quanto à natureza externa das coisas do mundo externo” (p. 121). Em 1945, ele descreve o contato inicial com a realidade externa enquanto um ‘momento de ilusão’: uma superposição de duas linhas de vida que se efetiva na medida em que “a mãe e o bebê *vivam juntos uma experiência*¹³” (Winnicott, 1945a, p. 227), por ocasião da primeira mamada teórica.

Tentarei descrever nos termos mais simples de que modo vejo esse fenômeno... O bebê tem impulsos instintivos e idéias predatórias. A mãe tem o seio e o poder de produzir leite, e a idéia de que ela gostaria de ser atacada por um bebê faminto. Esses dois fenômenos não estabelecem uma relação entre si até que a mãe e o bebê *vivam juntos uma experiência*.

Imagino esse processo como se duas linhas viessem de direções opostas, podendo aproximar-se uma da outra. Se elas se superpõem, ocorre um *momento de ilusão*. (Winnicott, 1945a, p.227 – os grifos são do autor).

Como vimos, a mãe é responsável por fornecer o contexto no qual irá se estabelecer o relacionamento primário com a realidade externa: no momento oportuno, ela fornece o seio e o desejo de alimentar um bebê faminto. Não se pode dizer que o bebê saiba, de saída, o que deve ser criado. O importante é que, é “a adaptação da mãe quando suficientemente boa [que] dá a este a *ilusão* de que existe uma realidade externa correspondente à sua capacidade de criar” (Winnicott, 1951, p.27- o grifo é do autor). Desse modo, o momento de ilusão consiste no contato com “uma partícula de experiência que o bebê pode considerar *ou* como uma alucinação sua, *ou* como um objeto pertencente à realidade externa” (Winnicott, 1945a, p.227 – os grifos são do autor). Podemos, então, dizer que através da adaptação sensível da mãe “as idéias do bebê são enriquecidas por detalhes reais de visão, sensação, cheiro, e na próxima vez esses materiais serão usados na alucinação” (Idem). Desse modo, para Winnicott, a ilusão não seria um substituto da realidade, mas o primeiro e único método de encontrá-la.

¹³ Em 1969 Winnicott utilizou a expressão experiência de mutualidade para se referir a esse viver junto inicial.

Em de 1951, no artigo *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*, ele retoma essa temática, empreendendo um amplo estudo sobre o que ele chama “substância da ilusão” que resulta no reconhecimento de uma área intermédia da experiência, - entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido - uma área de ilusão que pode também se apresentar com um espaço potencial entre o indivíduo e o mundo. Nessa ocasião ele reconhece na experiência ilusória “uma raiz natural do agrupamento entre os seres humanos” (Winnicott, 1951, p.15).

Como observa Phillips (1988), freqüentemente “pensamos em ilusão como algo enganoso ou como alguma coisa em que podemos acreditar a fim de nos proteger de uma realidade mais inaceitável” (p. 83). Para Winnicott, no entanto, “é através da ilusão e, de fato, somente através da ilusão que o bebê pode ter acesso à realidade” (Phillips, 1988, p.83). Em todos os casos, a ilusão deve surgir em primeiro lugar. Somente após a experiência da ilusão o bebê passa a ter “inúmeras possibilidades de aceitar e até mesmo utilizar a desilusão” (Winnicott, 1988[54], p. 121).

Winnicott não cansa de enfatizar a importância decisiva do papel da mãe nesse momento – a mãe suficientemente boa. “Não há possibilidade alguma de um bebê progredir do princípio do prazer para o princípio de realidade ou no sentido, e para além da identificação primária, a menos que exista uma mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1971[51], p.23). É a adaptação ativa da mãe às necessidades do bebê que, “propicia ao bebê a oportunidade para a *ilusão* de que o seio dela faz parte do bebê, de que está, por assim dizer, sob o controle mágico do bebê” (Winnicott, 1951, p.26 – o grifo é do autor). Nessas condições, “a onipotência é quase um fato da experiência” (Idem).

Ao mesmo tempo em que Winnicott descreve a primeira mamada (teórica) como um momento, por essência, criativo, ele afirma: “após a primeira mamada teórica, o bebê começa a ter material com o qual criar” (Winnicott, 1988[54], p.126). Com isso ele nos dá a dimensão da sua concepção do processo criativo. Nesse “início teórico, o bebê vive desperto em um mundo onírico. O que se acha lá quando ele está acordado torna-se material para sonhos. Mais tarde, a alternância de adormecido e desperto deve tornar-se nítida e o mundo do bebê deixa de ser um mundo subjetivo” (Winnicott, 1970b, p. 220). Podemos, então, dizer que, “de certa forma, o bebê está acumulando material para o sonho” (Winnicott, 1968a, p.24), ou mesmo, que “aos poucos o bebê começa a se tornar capaz de

alucinar o mamilo no momento em que a mãe está pronta para oferecê-lo” (Idem). Em outras palavras, depois de haver criado o seio como um fenômeno subjetivo, em virtude da presença real (e oportuna) do seio materno, o bebê torna-se capaz de imaginá-lo, até mesmo, em sua ausência. No decorrer do tempo, a partir da repetição dessa experiência e da oportuna apresentação de objeto, feita pela mãe,

surge um estado no qual o bebê sente confiança em que o objeto do desejo pode ser encontrado, e isto significa que o bebê gradualmente passa a tolerar a ausência do objeto. Desta forma inicia-se no bebê a concepção de realidade externa, um lugar de onde os objetos aparecem e no qual eles desaparecem. Através da magia do desejo, podemos dizer que o bebê tem a ilusão de possuir uma força criativa mágica, e a onipotência existe como um fato, através da sensível adaptação da mãe (Winnicott, 1988[54], p.126).

Aqui a palavra chave é confiança. Uma “adaptação bem sucedida dá uma sensação de segurança e um sentimento de ter sido amado” (Winnicott, 1968b, 87). Com o passar do tempo, a capacidade da mãe de ir ao encontro das necessidades do bebê, em constante processo de mudança e desenvolvimento, resulta numa comunicação (silenciosa) ao seu bebê: “sou confiável – não por ser máquina, mas porque sei do que você está precisando; além disso, me preocupo, e quero providenciar as coisas que você deseja. Isso é o que chamo de amor, neste estágio do seu desenvolvimento” (Idem). Desse modo, em condições favoráveis, a onipotência é vivenciada de tal modo que, o bebê tem a experiência de ser alimentado por um objeto que ele possui e controla. “O lactente experimentando onipotência sob a tutela do ambiente facilitador *cria e recria* o objeto, e o processo gradativamente se forma dentro dele e adquire um apoio na memória” (Winnicott, 1963c, p.164). Como observa Phillips (1988), é a repetição dessa experiência que fornece ao bebê “a confiança no seu desejo como fonte de possibilidade... um incentivo ao contato com o mundo externo” (p.84).

Para Winnicott, a possibilidade de um reconhecimento gradual, por parte do bebê, da ausência de controle mágico sobre a realidade externa repousa nessa experiência inicial de onipotência, viabilizada pela técnica adaptativa da mãe. Assim, a principal tarefa da mãe após propiciar oportunidade para ilusão é promover a desilusão, ou seja, a mãe torna-se sensível à crescente capacidade do bebê suportar pequenas falhas na sua adaptação. Desse modo, ela estará dando tempo ao filho para adquirir, no seu tempo e no seu ritmo, todas as formas de lidar com o choque de reconhecer a existência de um mundo

situado fora do seu controle mágico. Somente o bebê que gozou da ilusão do onipotente, criando e controlando, “pode então gradativamente vir a reconhecer o elemento ilusório, o fato de brincar e imaginar. Isto é a base do símbolo que de início é, ao mesmo tempo espontaneidade e alucinação, e também, objeto externo e finalmente catexizado” (Winnicott, 1960c, p. 133).

4.2.1 O brincar, o espaço potencial e o gesto espontâneo

Os momentos em que o poeta original dentro de nós criou o mundo externo, descobrindo o familiar no não familiar, são talvez esquecidos pela maioria das pessoas ou permanecem guardados em algum lugar secreto da memória, porque se assemelham muito a visitas de deuses par que sejam mesclados com o pensamento cotidiano.

Milner, 1957

Como vimos até agora, em condições favoráveis, a experiência da primeira mamada teórica resulta na criação de um “terceiro mundo, um mundo ilusório” que nem é a realidade interna do bebê, nem é um fato externo, “e que toleramos num bebê, ainda que não o façamos num adulto” (Winnicott, 1988[54], p.126). São esses primeiros estágios do uso da ilusão, chamados por Winnicott de fenômenos transicionais, que são abordados de forma detalhada com o conceito de primeira mamada teórica: “considerarei útil denominar os objetos e fenômenos que pertencem a este tipo de experiências de ‘transicionais’. Aos objetos chamei de ‘objetos transicionais’, e às técnicas empregadas nessas situações de ‘fenômenos transicionais’ (Winnicott, 1988[54], p. 126)”. Ele observa que “o contato inicial entre o bebê e sua mãe pode parecer apenas uma brincadeira [...] podemos dizer, que mãe e filho estão brincando” (Idem, p.125). Como observa Davis (1985), em seus escritos, Winnicott se dedicou, de maneira especial, a investigar duas maneiras de se estar em condições de se relacionar com outras pessoas. A primeira e a mais primitiva é o brincar, que resulta da sobreposição do espaço potencial do indivíduo com o de um outro. A outra, é um tipo de relacionamento que ele chamou de ‘identificação cruzada’¹⁴, o qual já requer um certo grau de desenvolvimento emocional.

¹⁴ O tema da identificação cruzada será abordado mais adiante.

Segundo Abram (2000), já na década de 30, Winnicott teve a sua atenção despertada pela importância e a função do brincar. E, como ele mesmo afirma, o brincar sempre se constituiu como uma característica da sua técnica de consulta. No entanto foi, sobretudo, durante a década de 60 que ele “destacou o valor deste brincar, em especial com relação à psicoterapia e à busca e à descoberta do *self*”(p.56). Para Winnicott (1971c), “o brincar precisa ser estudado como um tema em si mesmo, suplementar ao conceito de sublimação do instinto” (p. 60), na medida em que, nele, a satisfação instintual não é o que é buscado. Pelo contrário, “se a excitação física do envolvimento instintual se torna evidente, então o brincar se interrompe ou, pelo menos se estraga (Idem). Ele admite que, a partir dos seus estudos sobre os fenômenos transicionais “o significado do brincar adquiriu um novo colorido” (Idem, p. 61). E, desde então, foi possível reivindicar que:

O brincar tem um lugar e um tempo. Não é dentro,... Tampouco é fora, o que equivale a dizer que não constitui parte do mundo repudiado, do não-eu, aquilo que o indivíduo decidiu identificar (com dificuldade e até mesmo sofrimento) como verdadeiramente externo, fora do controle mágico (Winnicott, 1971c, p. 62).

No entender de Winnicott (1971c), “para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo” (p.70). Desse modo ele chama a atenção para o fato de que, “brincar é fazer”. Ele resumiu a sua teoria do brincar examinando uma seqüência de relacionamentos que têm lugar no processo de desenvolvimento:

1. O bebê está fundido ao objeto. “A visão que o bebê tem do objeto é subjetiva e a mãe se orienta no sentido de tornar concreto aquilo que o bebê está pronto a encontrar”.
2. “O objeto é repudiado, aceito de novo e objetivamente percebido. Esse processo complexo é altamente dependente da mãe ou figura materna preparada para participar e devolver o que é abandonado” .

Aqui, o fator tempo é importante, em virtude de que “a mãe se acha num permanente oscilar entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e ser ela própria, aguardando ser encontrada” . Se ela for capaz de sustentar essa situação por um certo período de tempo, o “bebê tem certa experiência de controle mágico” – a onipotência torna-se um fato da sua experiência. Podemos então, dizer que se desenvolve um estado de confiança no qual “o bebê começa a fruir de experiências baseadas num ‘casamento’ da onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle que tem do real” (Idem, p. 71- o

grifo é do autor). No entender de Winnicott (1971c), “a confiança na mãe cria aqui um *playground* intermediário, onde a idéia da magia se origina, visto que o bebê, até certo ponto, *experimenta* onipotência”. Ele esclarece que chama “isso de *playground* porque a brincadeira começa aqui. O *playground* é um espaço potencial entre a mãe e o bebê, ou que une a mãe e o bebê” (Idem).

Ainda que Winnicott reconheça que a brincadeira é extremamente excitante, ele chama a atenção para o fato de que ela “é excitante *não primariamente porque os instintos se acham envolvidos*, isso está implícito” (Idem – o grifo é do autor). A seu ver, a importância do brincar advém da “precariedade do interjogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais. É a precariedade própria da magia, magia que se origina na intimidade de um relacionamento que está sendo descoberto com digno de confiança” (Idem).

3. Na etapa seguinte o bebê é capaz de “ficar sozinho na presença de alguém”. Ele é capaz de brincar “com base na suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida”. Para Winnicott, “essa pessoa é sentida como se refletisse de volta o que acontece no brincar” (Idem).

4. Nesse momento a criança começa a poder “fruir de uma superposição de duas áreas de brincadeira”. A mãe, que inicialmente brincou com o seu bebê, com o cuidado suficiente para ajustar-se às suas atividades lúdicas, começa a introduzir elementos do seu próprio brincar. “Dessa maneira, está preparado o caminho para um brincar conjunto num relacionamento” (Idem, p. 72).

Para Winnicott, o essencial é que o brincar é sempre uma experiência: “uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver” (Idem p.75). Ele resume assim as principais qualidades do brincar:

- (a). É útil pensar na *preocupação* que caracteriza o brincar de uma criança pequena. O conteúdo não importa. O que importa é o estado de quase alheamento, aparentado à *concentração* das crianças mais velhas e dos adultos. A criança que brinca habita uma área que não pode ser facilmente abandonada, nem tampouco admite facilmente intrusões.
- (b). Essa área do brincar não é a realidade psíquica interna. Está fora do indivíduo, mas não é o mundo externo.
- (c). A criança traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal. Sem alucinar, a criança põe para fora uma mostra do potencial

onírico e vive com essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa.

(d). No brincar, a criança manipula fenômenos externos a serviço do sonho e veste fenômenos externos escolhidos com significado e sentimentos oníricos.

(e). Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais.

(f). O brincar implica confiança e pertence ao espaço potencial existente entre (o que era a princípio) bebê e figura materna, com o bebê num estado de dependência quase absoluta e a função adaptativa da figura materna tida como certa pelo bebê.

(g). O brincar envolve o corpo:

I. devido a manipulação de objetos.

II. porque certos tipos de intenso interesse estão associados a certos aspectos de excitação corporal.

(h). A excitação das zonas erógenas ameaça constantemente o brincar e, portanto, ameaça o sentimento que a criança tem de existir como uma pessoa. Os instintos constituem a principal ameaça tanto à brincadeira quanto ao ego; na sedução um agente externo explora os instintos da criança e ajuda a aniquilar o sentimento que ela tem de existir como unidade autônoma, tornando impossível o brincar.

(i). *Brincar, essencialmente satisfaz.* Isso é verdade mesmo quando leva a um alto grau de ansiedade. Há um grau de ansiedade que é insuportável e destrói o brincar.

(j). O elemento prazeroso no brincar traz consigo a implicação de que o despertar instintual não é excessivo; o despertar instintual além de um certo ponto tem de conduzir a:

I. clímax

II. clímax fracassado e uma sensação de confusão mental e desconforto físico que só o tempo pode corrigir.

III. clímax alternativo (como na provocação da reação dos pais, ou social, na ira, etc.)

Pode-se dizer que o brincar atinge seu próprio ponto de saturação, que se refere à capacidade de conter a experiência.

(k). O brincar é inerentemente excitante e precário. Essa característica não provém do despertar instintual, mas da precariedade própria ao interjogo na mente da criança do que subjetivo (quase alucinação) e do que é objetivamente percebido (realidade concreta ou realidade compartilhada) (Winnicott, 1971, p. 76-7 – o grifo é do autor).

Segundo Winnicott (1971c), o brincar está localizado no espaço potencial existente entre o indivíduo e o ambiente. Como observa Davis (1981), ainda que essa área intermediária, em sua origem, tenha servido à experiência de onipotência, “o que é vital, no caminho do indivíduo em direção à independência, não é a continuação da experiência de onipotência, mas, ao invés disso, uma continuação da capacidade criativa” (p.64). Sabemos que a criatividade envolve o indivíduo numa ação espontânea. E, para Winnicott, “isto é tão verdadeiro com relação à experiência do indivíduo quanto à criança brincando” (Idem). Ele postula a existência de uma apercepção criativa que, juntamente com o desenvolvimento cognitivo, permite ao indivíduo engajar-se “numa troca significativa com o mundo, um

processo de duas direções no qual o auto-enriquecimento se alterna com a descoberta do significado do mundo das coisas vistas” (Winnicott, 1967e, p.155).

Tenho esperança que o leitor aceite uma referência geral à criatividade, tala como postulamos aqui, evitando que a palavra se perca ao referi-la apenas à criação bem sucedida ou aclamada, e significando-a com um colorido de toda a atitude com relação à realidade externa.

É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos os seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida (Winnicott, 1971e, p. 95).

De fato, “qualquer atividade pode vir a pertencer a essa área desde que seja colorida pelo sentimento individual de estar pessoalmente presente” (Davis, 1981, p. 64). Na opinião de Davis (1981), o que melhor expressa essa noção de apercepção é a afirmação de Winnicott (1971d) de que, “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou o adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu *self*. (p.80). Ele propõe a seguinte seqüência:

- (a) relaxamento em condições de confiança baseada na experiência;
- (b) atividade criativa, física e mental, manifestada na brincadeira;
- (c) a somação dessas experiências formando a base do sentimento de *self*. (p. 83).

A seu ver, somente “nessas condições altamente especializadas o indivíduo pode reunir-se e existir como unidade, não como defesa contra ansiedade, mas como expressão do EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo. Nesse posicionamento tudo é criativo” (Idem - o grifo é do autor). Vale lembrar que a continuidade do ser “tem lugar junto ao verdadeiro *self* e ao potencial herdado, e está relacionado à não-integração” (Abram, 2000, p. 238). É ela, a experiência de continuidade de ser, que serve de alicerce para o desenvolvimento da capacidade de brincar e viver criativamente.

A isto vem se somar o fato de que, para ele, “somente no brincar é possível a comunicação, exceto a comunicação direta, que pertence à psicopatologia ou a um extremo de imaturidade” (Idem). Para Winnicott, as atividades do espaço potencial resultam relacionamentos pessoais e significativos entre indivíduos separados. A comunicação acontece em virtude da superposição dos espaços potenciais, constituindo “um terreno

comum de relações afetivas, nas quais a tensão instintual não é um aspecto primordial, as relações tornam-se possíveis pela experiência de relacionamento egóico da infância” (Davis, 1981, p. 65). Em suma, a comunicação advém de uma mutualidade na experiência – a superposição dos espaços potenciais –, de tal modo que os relacionamentos interpessoais podem alcançar “uma riqueza e uma facilidade que trazem consigo um estabilidade flexível à qual damos o nome de saúde” (Winnicott, 1970, apud. Davis, 1981, p. 65).

Como observa Davis (1981), cada vez mais, Winnicott passou a vincular o trabalho clínico à idéia de comunicação no espaço potencial:

A psicoterapia é efetuada na superposição de duas áreas lúdicas, a do paciente e a do terapeuta. Se o terapeuta não pode brincar, então ele não se adequa ao trabalho. Se é o paciente que não pode, então algo precisa ser feito para ajudá-lo a tornar-se capaz de brincar, após o que a psicoterapia pode começar. O brincar é essencial porque nele o paciente manifesta a sua criatividade (Winnicott, 1971d, p. 80 – o grifo é do autor).

A noção de espaço potencial permitiu a Winnicott repensar a relação do indivíduo com a sociedade e a cultura. Ele utilizou a expressão “ ‘experiência cultural’ como uma ampliação da idéia dos fenômenos transicionais e da brincadeira” (Winnicott, 1967d, p. 138), assinalando que, “a ênfase na verdade recai na experiência” (Idem). Podemos, então, dizer que, “em uma escala mais ampla, a superposição da experiência pessoal é o que dá às instituições sociais e aos costumes o seu caráter, estabilidade e flexibilidade” (Davis, 1981, p. 66). Desse modo, “o valor do espaço potencial de cada indivíduo, para a sociedade, reside na contribuição que pode ser feita em termos de criatividade pessoal” (Idem). Naturalmente, devemos incluir nessas contribuições não apenas “as criações dos indivíduos que se destacam nas artes e nas ciências, os quais de forma tão óbvia enriquecem a nossa cultura, mas, de modo igualmente significativo, a doação do *self* em áreas menos espetaculares do viver e do trabalhar” (Idem).

Estou pensando em algo que pertence ao fundo comum da humanidade, para o qual indivíduos e grupos podem contribuir, e do qual todos nós podemos fruir, se tivermos um lugar para guardar o que encontramos (Winnicott, 1967d, p. 138).

Desse modo, o potencial da área de ilusão repousa na possibilidade de um intercâmbio infinitamente variável, no qual o indivíduo pode retirar algo do fundo comum da humanidade e contribuir para uma cultura que fornece “a continuidade da raça humana que transcende a existência pessoal” (Winnicott, 1967d, p. 139). Para Winnicott, “as

experiências culturais estão em continuidade direta com a brincadeira: a brincadeira daqueles que ainda não ouviram falar em jogos” (Idem).

O corolário disso é que quando o indivíduo emerge do ambiente, durante a sua jornada rumo à independência, a separação é mitigada “no local em que se pode dizer que a *continuidade* está cedendo lugar à *contigüidade*” (Idem, p. 140 – o grifo é do autor). Foi a noção de objeto transicional¹⁵ que permitiu Winnicott postular a existência de uma separação que não é uma separação, mas uma forma de união. A seu ver, “ao observarmos o uso, pela criança de um objeto transicional, a primeira possessão não-eu, estamos assistindo tanto ao primeiro uso de um símbolo pela criança quanto à primeira experiência de brincadeira (Idem, p. 134). Nessa condição, o “uso de um objeto simboliza a união de duas coisas agora separadas,... no ponto, no tempo e no espaço, do início de seu estado de separação” (Idem, p. 135 – o grifo é do autor).

Para todo indivíduo o uso do espaço potencial é determinado pelas experiências de vida que se realizam nas etapas iniciais da sua existência. Podemos dizer que:

Desde o início, o bebê tem experiências maximamente intensas no espaço potencial existente entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, entre extensões do eu e o não-eu. Esse espaço potencial encontra-se na interação entre nada haver senão eu e a existência de objetos e fenômenos situados fora do controle onipotente (Winnicott, 1967d, p. 139).

Em condições favoráveis, o espaço potencial será preenchido com os produtos da própria imaginação criativa do bebê. O importante, nos diz Winnicott, é que:

A criança precisa de um período de tempo no qual experiências estáveis nos relacionamentos podem ser utilizadas para o desenvolvimento da área intermediária, na qual fenômenos transicionais ou lúdicos possam se estabelecer para essa criança específica, de modo que, desse momento em diante, a criança pode desfrutar tudo que deriva do uso do símbolo, pois o símbolo da união proporciona um alcance mais amplo à experiência humana do que a própria união (Winnicott, 1966b, p. 130).

Podemos, então, concluir com Winnicott, que “é preciso encontrar os meios de atrair a atenção dos que estão encarregados dos bebês recém nascidos para a tremenda importância dessa experiência inicial de um relacionamento excitado entre o bebê e sua mãe” (Winnicott, 1988[54], p. 125). Ainda que existam dificuldades intrínsecas ao estabelecimento desse relacionamento, no entanto, “o que a mãe necessita é da chance de

¹⁵ Esta noção será abordada no capítulo 5 desta tese.

ser natural e de encontrar o seu caminho junto com o bebê, da mesma forma como outras mães encontraram seus próprios caminhos desde o alvorecer da história humana, e até mesmo antes da evolução do homem a partir dos mamíferos” (Winnicott, 1988[54], p. 125). Uma tarefa que só poderá ser realizada se mãe puder ser sustentada, no ambiente mais próximo, pelo pai (ou marido), e no ambiente mais amplo da sociedade, pelas instituições competentes.

4.3 A destrutividade em questão

Nesse momento, algumas observações são importantes de serem feitas a fim de que possamos retomar a questão da relação entre agressividade, criatividade e destrutividade, na etapa inicial de dependência absoluta. Primeiramente, há a observação de Winnicott que ele considera ser a mais importante nesse campo, e que diz respeito à existência de agressividade no bebê:

Com o passar do tempo o bebê começa a chutar, gritar e arranhar. Na situação de alimentação, havia no início, uma atividade vigorosa da gengiva, um tipo de atividade que pode facilmente resultar em rachaduras no mamilo; alguns bebês realmente aderem ao seio com as gengivas e o machucam bastante. Não se pode afirmar que estejam tentando ferir, porque o bebê ainda não está suficientemente desenvolvido para que a agressividade já possa significar alguma coisa. Com o passar do tempo, porém, os bebês já têm um impulso de morder. Trata-se de algo muito importante, que diz respeito à crueldade¹⁶, aos impulsos e à utilização de objetos desprotegidos. Muito rapidamente, os bebês passam a proteger o seio, e na verdade é muito raro que mordam com objetivo de ferir, mesmo quando já possuem dentes (Winnicott, 1968a, p.25-6).

De certo modo essa passagem ajuda a compreender Winnicott, quando ele afirma que a agressividade, em sua origem, é um fenômeno não-pulsional. No início, está a motilidade como manifestação do próprio viver. Uma situação de alimentação bem conduzida permite, ao mesmo tempo, a diferenciação e a fusão de duas raízes da vida instintual. Por um lado, há a emergência da raiz erótica, nascida da experiência de complementaridade e satisfação; por outro, há a raiz agressiva, nascida da resistência encontrada (oposição) pelos movimentos exploratórios, e responsável pela localização do objeto fora do *self*. “Sob condições favoráveis, ocorre a fusão dos impulsos eróticos e da

¹⁶ No original, *ruthlessness*.

motilidade, e então o termo sadismo oral se torna aplicável, seguido por todos os desenvolvimentos deste tema” (Winnicott, 1959-64, p. 117). O impulso implacável (*ruthless*) de morder surge da repetição da experiência (satisfatória) de ser alimentado, ao propiciar a fusão da raiz agressiva (motilidade) com a raiz erótica. Nessa condição:

A criança passa a amar e a odiar simultaneamente, e a aceitar a contradição. Um dos mais importantes exemplos da conjugação de amor e agressão surge com o impulso para morder, que passa a ter um sentido aproximadamente a partir dos cinco meses... Originalmente, ... é o objeto bom, o corpo materno que excita o morder e produz idéias de morder. Assim, o alimento acaba por ser aceito como símbolo do corpo da mãe, do corpo do pai ou de qualquer outra pessoa amada.

É tudo muito complicado e é necessário muito tempo para que a criança domine as idéias e excitações agressivas e seja capaz de controlá-las sem perder a capacidade para ser agressivo em momentos apropriados, seja ao odiar ou ao amar (Winnicott, 1964a, p.108).

O importante a ser destacado é que Winnicott não vê sentido algum em se falar de sadismo original. No seu entender, trata-se de uma conquista do desenvolvimento, uma emergência que é dependente da qualidade da experiência vivenciada nesses momentos iniciais. A fusão pode não se dar, bem como a agressividade pode também se extraviar. Como observa Phillips (1988), “demorou um longo tempo para Winnicott chegar a uma afirmação relativamente clara sobre a ausência de compaixão (*ruthlessness*) dos impulsos do amor primário” (p. 86). Foi desconcertante para ele descobrir o quanto o ‘objeto’ poderia dificultar ou mesmo impedir esse desenvolvimento. Para Winnicott (1950-55), “se a agressividade é perdida nesse estágio do desenvolvimento emocional, ocorre também a perda de uma parte da capacidade de amar, ou seja, de relacionar-se com objetos” (p.291).

Talvez seja esse o momento que melhor se aplique à observação de Winnicott de que, muitas vezes empregamos o termo agressividade quando o que deveríamos usar era espontaneidade:

O gesto impulsivo volta-se para fora e torna-se agressivo quando encontra oposição. Há realidade nessa experiência, e ela funde-se facilmente às experiências eróticas que aguardam o recém-nascido. Estou sugerindo que *é esta impulsividade e a agressividade que dela deriva que levam o bebê a necessitar de um objeto externo, e não apenas de um objeto que o satisfaça* (Winnicott, 1950-55, p. 304 – o grifo é do autor).

Winnicott enfatiza que, nesse momento, a mãe “tem uma função a cumprir sempre que o bebê morder, arranhar, puxar os seus cabelos e chutar, e esta função é sobreviver” (Winnicott, 1968a, p. 26). A seu ver, trata-se de um estágio muito difícil do

desenvolvimento que, no entanto, não pode ser evitado. Se a mãe é capaz de perceber o que se passa com o bebê, enquanto ela está sendo destruída por ele, ela facilmente encontrará os meios de “proteger-se sem se valer de retaliação e vingança... O bebê se encarregará do resto” (Idem). A sobrevivência da mãe permitirá ao bebê um significado novo para a palavra amor. Além disso, surgirá uma nova conquista em sua vida: a capacidade de fantasiar. Vejamos isso, nas palavras de Winnicott:

É como se o bebê agora pudesse dizer para a sua mãe: ‘Eu a amo por ter sobrevivido à minha tentativa de destruí-la. Em meus sonhos e em minha fantasia eu a destruo sempre que penso em você, pois a amo’. É isto que objetifica a mãe, coloca-a num mundo que não é parte do bebê, e a torna útil (Winnicott, 1968a, p. 26).

Desde a década de 50, era evidente para ele a origem da agressividade, ou seja, a motilidade. Havia, contudo, algo ali que insistia e se tornaria o elemento central de seus últimos trabalhos: a origem da destrutividade. Em 1964, Winnicott postula a existência de uma destruição primitiva, descrevendo-a como um processo difuso, vinculado a motilidade própria do viver – um piscar de olhos, por exemplo -, ao qual atribui a máxima importância. Ora, “como acontece, talvez muito cedo, que um bebê destrua o mundo”? (Winnicott, 1964a, 108). Vejamos a sua resposta:

Isso é de importância vital, pois é o resíduo dessa destruição infantil ‘difusa’ que poderá realmente destruir o mundo em que vivemos e que amamos. Na mágica infantil, o mundo pode ser aniquilado num abrir e fechar de olhos, e recriado através de um novo olhar e uma nova fase de necessidades (Winnicott, 1964a, p. 109 - o grifo é do autor).

Desse modo, haveria para Winnicott, nas primeiras fases do desenvolvimento, uma *destruição mágica* que “caminha lado a lado com a criação mágica” (Winnicott, 1964a, p. 109). A seu ver, é ela que está por trás “da força inerente aos seres humanos e subjacente à atividade destrutiva ou seu equivalente no sofrimento sob controle”(Idem).

Posteriormente, em 1969, ele formula a hipótese de uma pulsão de destruição inicial, a qual ele chamou de amor-conflito, numa referência ao dualismo de *philia* (amor) e *neikos* (conflito, disputa):

Posso apoiar minha tese citando Freud, que escreveu que, de acordo com Empédocles, o poder do amor *esforça-se por aglomerar as partículas primeiras dos elementos* (do universo e do homem), *dos quatro elementos em uma unidade única*, enquanto o poder do conflito ‘desfazer, anular, etc., etc.’. Temos aqui a idéia da atividade do ego de aglomerar, que não é relacionar-se com objetos (Winnicott, 1969a, p. 189 – o grifo é do autor).

É importante notar a importância dada por Winnicott à “atividade do ego de aglomerar”, condição fundamental para o desenvolvimento da capacidade de relacionamento, a qual ele vincula à criação do espaço potencial existente entre o bebê e sua mãe.

Se essa área [o espaço potencial] for imaginada como parte da organização do ego, termos aqui uma parte do ego que não é um ego corporal, que não está fundada no padrão de *funcionamento* corporal, mas nas *experiências* corporais. Tais experiências são próprias da relação de objeto de tipo não orgiástico, ou do que pode ser chamado de capacidade de relacionamento do ego (*ego-relatedness*), no local em que se pode dizer que a *continuidade* está cedendo lugar à *contigüidade* (Winnicott, 1967d, p. 140 – o grifo é do autor).

Nesse momento, o termo pulsão, até então raro no texto de Winnicott, aparece designando à combinação da atividade do ego com a atividade pulsional propriamente dita. Desse modo ele insiste na necessidade de se considerar o estabelecimento dos relacionamentos excitados sobre o pano de fundo dos relacionamentos tranqüilos. O ponto crucial do seu argumento é que:

A primeira pulsão é, ela própria, uma só coisa, algo que chamo de destruição, mas poderia ter chamado de pulsão combinada amor-conflito. Esta unidade é primária. É isto que surge no bebê pelo processo maturacional natural.

O destino dessa unidade de pulsão não pode ser enunciado sem referência ao meio ambiente. A pulsão é potencialmente ‘destrutiva’, mas ser ela destrutiva ou não depende de como é o objeto (Winnicott, 1969a, p. 190 – o grifo é do autor).

Voltando à questão da agressividade, destacamos mais um ponto importante: a sua relação com a localização do objeto. Como vimos no capítulo anterior, para Winnicott, a mudança de ‘objeto de subjetivo’ para ‘percebido objetivamente’ se realiza mais efetivamente por meio das satisfações do que pelas frustrações vivenciadas. No seu entender, é nesse ponto que se revela a importância da agressividade na constituição daquilo que poderá vir a ser reconhecido, pelo indivíduo, como realidade externa:

A satisfação derivada de uma mamada tem menos valor no que concerne ao estabelecimento de relações objetais do que quando o objeto cruza seu caminho, por assim dizer. A gratificação instintiva proporciona ao lactente uma experiência pessoal, *mas pouco afeta a posição do objeto...* Enunciei isto de outra forma, afirmando que o lactente se sente ‘subornado’¹⁷ por uma mamada satisfatória (Winnicott, 1963c, p. 165 – o grifo é do autor).

¹⁷ Ver capítulo 3 desta tese.

Nesse momento, vale lembrar a afirmação de Winnicott segundo a qual, o potencial agressivo necessita encontrar oposição adequada para se desenvolver: “os 100 – x por cento de motilidade não fundidos *precisam encontrar oposição...* essa parte da motilidade *precisa de algo para empurrar*” (Winnicott, 1950-55, p. 298). No seu entender:

A agressão experimentada pelo lactente, que faz parte do erotismo muscular, do movimento e de forças irresistíveis encontrando objetos imóveis, esta agressão e as idéias ligadas a ela levam ao processo de colocar o objeto separado do *self* na medida em que o *self* começa a emergir como uma entidade (Winnicott, 1963c, p. 165 – o grifo é do autor).

Na visão de Winnicott, se tudo correr bem, o bebê pode vir a lucrar com a experiência de frustração. Nesse caso, uma adaptação incompleta às necessidades do bebê pode exercer um papel benigno: tornar o objeto objetivamente percebido. Objetos que, desde então, tornam-se reais - tão amados quanto odiados. Existe aqui uma importante distinção a ser feita: na etapa do desenvolvimento que é anterior à conquista da fusão, quando o comportamento do bebê é reativo a falhas do ambiente favorável ou da mãe-ambiente, isso pode parecer agressão, mas na realidade é sofrimento. As falhas na adaptação apenas são proveitosas “*quando o lactente pode odiar o objeto*, isto é, quando pode reter a idéia do objeto como potencialmente satisfatório ao mesmo tempo em que reconhece sua falha em assim proceder” (Winnicott, 1963c, p. 165 – o grifo é do autor). Somente depois de atingir a fusão o bebê pode vir a lucrar com o aspecto frustrante do objeto, descobrindo a existência de um mundo que é não-eu. Nesse contexto, o aparecimento da raiva funciona como um sinal para a mãe, indicando que o bebê já é capaz de suportar algumas falhas (relativas), nos cuidados dispensados por ela.

Com sua abordagem, Winnicott pretende enfatizar o tremendo desenvolvimento que representa para o bebê a conquista de um estado de fusão, a partir do qual a falha ambiental poderá exercer um papel positivo: franquear ao bebê a possibilidade de reconhecer um mundo que é repudiado. No seu entender, a recusa é parte do processo de criação: o mundo, antes de ser externo, é um mundo que foi repudiado.

Podemos, agora, retornar à pergunta lançada por Winnicott (1968e): “quem pode dizer se, em essência, o fogo é construtivo ou destrutivo?” (p. 185). A seu ver, a possibilidade da agressividade (e a destrutividade) se tornar uma realização positiva do

indivíduo é dependente da qualidade dos cuidados que a acolheram e a acompanharam através dessa fase vital do início do desenvolvimento.

Dando-se tempo para os processos de maturação, a criança se tornará capaz de ser destrutiva e de odiar, agredir e gritar, em vez de aniquilar magicamente o mundo. Dessa maneira a *agressão concreta é uma realização positiva*. Em comparação com a destruição mágica, as idéias e o comportamento agressivos adquirem valor positivo e o ódio converte-se num sinal de civilização, quando se tem em mente todo o processo do desenvolvimento emocional do indivíduo, e especialmente suas primeiras fase (Winnicott, 1964a, p. 110 – o grifo é do autor).

Sem dúvida, nem sempre é muito fácil compreender Winnicott quando ele afirma o valor positivo tanto da agressão quanto da destruição, considerando-as uma conquista do desenvolvimento. Trata-se, no entanto, de idéias que não deixam de estar associadas à sua crença de que “se a sociedade encontra-se em perigo, não é por causa da agressividade do homem, mas em consequência da repressão da agressividade pessoal nos indivíduos” (Winnicott, 1950-54, p. 288). A partir dele, podemos avaliar a importância, para toda criança, de poder dispor das condições necessárias à facilitação do seu desenvolvimento, cujo motor propulsor é seu potencial agressivo/destrutivo/criativo. Toda criança precisa torna-se capaz de criar o mundo a partir da uma experiência pessoal, nascida de seu potencial agressivo/destrutivo,criativo. A experiência (onipotente) de criar a si mesmo e o mundo permite que aquilo que foi construído a partir da ilusão adquira, paradoxalmente, um sentido de realidade. É disso que emerge o sentimento de *self* e de sentir-se real. Para que a vida possa adquirir um significado para o indivíduo é necessário que ela seja fruto de um gesto espontâneo, criativo. “Todo bebê precisa ter suficiente experiência de onipotência para tornar-se capaz de ceder a onipotência à realidade externa ou a um princípio- Deus” (Winnicott, 1966a, p. 125). É esse valor positivo da agressão e, principalmente, da destruição ao qual Winnicott dedicou as suas últimas contribuições, que buscaremos entender a seguir.

4.3.1 O encontro com o Princípio de Realidade ou a conjugação do verbo SER no presente do indicativo: eu sou, tu és, ele é, ela é, nós somos.....

Encontro você;
Você sobrevive ao que eu lhe faço à medida que a
reconheço como um não-eu;
Uso você;
Esqueço-me de você;

*Você, no entanto, se lembra de mim;
Estou sempre me esquecendo de você;
Perco você;
Estou triste.
(Winnicott, 1968)*

Ao longo da sua obra, Winnicott não cansa de enfatizar que sem o reconhecimento do valor positivo da agressão não é possível avançar em nossa investigação sobre o tema. Segundo ele, uma das maneiras de nos inteirarmos desse valor é assistindo à criança tornar-se separada de sua mãe e do meio ambiente de forma gradativa. A agressividade sendo o veículo primordial da vida está por trás de todos processos envolvidos, de forma simultânea, na criação de si mesmo e do mundo.

Sabemos que o bebê, a princípio, vive em um mundo subjetivo. Em seus primórdios o indivíduo existe, precariamente, fusionado à figura materna, em um estado de dependência absoluta. Dessa maneira:

A passagem do tempo, juntamente com a cumulação de uma experiência pessoal, contribui para as condições que são essenciais para que o processo herdado de crescimento conduza o menino ou a menina através de, ou para uma existência separada, uma existência que possa ser livre da fusão, mas ainda assim, permitir a reexperiência de estar ‘fundido com’ (depois chamada de regressão) (Winnicott, 1970b, p. 220).

Segundo Winnicott (1970b), “é axiomático que não exista relacionamento com um objeto subjetivo” (p. 221): ainda que, desde o início, o mundo encontre-se lá, para com ele serem estabelecidas relações, isso só é passível de acontecer, do ponto de vista do bebê, quando ele se torna objetivamente percebido, como algo que lhe é externo. Aqui se revela a pertinência da sua crítica à abordagem kleiniana que reduziu a agressividade às manifestações dos impulsos sádicos, tais como: o ciúme, a inveja e a raiva pela frustração. Em sua contribuição, ele considerava que “mais aproximadamente básico é o conceito de agressão como parte do exercício *que pode conduzir à descoberta de objetos que são externos* (Idem – o grifo é do autor).

Mais do qualquer outro autor, Winnicott (1960b) enfatizou a necessidade de se considerar o conceito de isolamento do *self* central como uma característica de saúde. É bem conhecido o seu ponto de vista, segundo o qual “o indivíduo emerge não do inorgânico mas da solidão” (Winnicott, 1988[54], p. 155).

No início, o indivíduo é como uma bolha. Se a pressão externa adapta-se ativamente à pressão interna, o elemento central da situação será a bolha, ou seja, o eu do bebê. Mas se a pressão do ambiente for maior ou menor do que a do interior da bolha, então a bolha não será o elemento principal, e sim o ambiente. A bolha adapta-se à pressão externa (Winnicott, 1949a, p. 264).

Winnicott acreditava que na existência de um impulso biológico por trás de todo progresso. Assim, cada indivíduo traria consigo uma tendência individual herdada para crescer, integrar-se, relacionar-se com objetos e amadurecer. É este potencial herdado que fornece as condições para os processos através dos quais o ser humano pode tornar-se ele mesmo, um membro da sociedade e fazer uma contribuição para o mundo. Para Winnicott (1960b), “o *self* central poderia ser considerado como o potencial herdado que está experimentando a continuidade da existência, e adquirindo à sua maneira e em seu passo uma realidade psíquica pessoal e o esquema corporal pessoal” (p. 46). O corolário disso é que “o *self* verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação” (Winnicott, 1960c, p. 135).

Em 1968, no artigo *O Uso de Um Objeto e Relacionamento Através de Identificações*, Winnicott pretende demonstrar o valor positivo da destrutividade na criação de um mundo de realidade compartilhada. Sua intenção é explicar como o impulso destrutivo cria a qualidade de externalidade. Como observa Davis (1981), “é relativamente fácil compreender como, nos primórdios, a motilidade contribui para separar o indivíduo do ambiente. O que é mais difícil é ver como a agressão contribui para a permanência do objeto” (p. 68).

Em 1969, Winnicott estabelece a diferença entre relação de objeto e o uso do objeto. No seu entender, “a relação de objeto é uma experiência que pode ser descrita em termos do sujeito, como ser isolado” (Winnicott, 1969d, p. 123). Nela, “o sujeito permite que se efetuem certas alterações no eu (*self*), alterações do tipo que nos levou a criar o termo catexia” (Idem). Por outro lado, ao falar de ‘uso de objeto’, Winnicott observa: “tomo a relação de objeto como evidente e acrescento novas características que envolvem a natureza e o comportamento do objeto” (Idem). Ou seja, “o objeto, se é que tem que ser usado, deve ser necessariamente real, no sentido de fazer parte da realidade compartilhada, e não um feixe de projeções” (Idem).

Winnicott chama a atenção para o fato de que essa mudança não ocorre automaticamente. Ela depende da existência de um ambiente que atenda às necessidades do bebê, nas etapas iniciais do desenvolvimento, favorecendo a aquisição da capacidade de usar objetos e o acesso ao princípio de realidade. Para usar um objeto, a criança precisa ter desenvolvido *capacidade* de usar objetos. Em primeiro lugar, vem a relação de objeto, depois, ao final, o uso do objeto. No entanto,

Entre o relacionamento e o uso existe a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da área de seu controle onipotente, isto é, a percepção, pelo sujeito, do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva; na verdade, o reconhecimento do objeto como entidade por seu próprio direito (Winnicott, 1969d, p. 125).

Winnicott utilizou a expressão ‘fenômenos transicionais’ para se referir a essa etapa importante no desenvolvimento de cada criança. Aqui, a palavra chave é tempo. Nesse momento, um ambiente favorável pressupõe “tempo, de tal modo que a criança seja ajudada por alguém que se adapte de forma extremamente sensível enquanto a criança está no processo de adquirir a capacidade de usar a fantasia, de apelar para a realidade interna e para o sonho, e de manipular brinquedos” (Winnicott, 1966b, p. 129). Ao brincar, a criança penetra nessa área intermediária que é nem dentro nem fora. É nessa área de transição que encontra-se a oportunidade máxima para o indivíduo fazer sentido dos componentes agressivos. Nos casos favoráveis, fazer sentido desses componentes conduz tanto à experiência da raiva, quanto à fusão dos componentes agressivos e eróticos.

Davis (1985), ao abordar essa temática, sugere que essa passagem da relação de objeto para o uso de um objeto possa ser apreendida sob a rubrica do verbo SER, mais especificamente, na conjugação no presente do indicativo – eu sou, tu és, ele é, ela é, nós somos. Nesse sentido, ela começa por observar a ênfase de Winnicott em afirmar que o começo do *self* repousa na experiência de continuidade de ser: “É ela que permite ao bebê, nos momentos iniciais, reunir para si aquilo que nós, como observadores sabemos ser pessoal para ele, tal como os seus dedos das mãos e dos pés, bem como seus intensos sentimentos que num primeiro momento, podem ser esmagadores” (p. 85). Nos dizeres de Winnicott,

A integração está intimamente ligada à função ambiental da segurança. A conquista da integração se baseia na unidade. Primeiro vem o ‘eu’ que inclui ‘todo o resto é não-eu’. Então vem ‘eu sou, eu existo, adquiero experiências, enriqueço-me e tenho uma

integração introjetiva e projetiva com o *não-eu*, o mundo real da realidade compartilhada. (Winnicott, 1962a, p.60).

O estágio do EU SOU deve preceder o EU FAÇO para que o fazer possa adquirir uma significação pessoal para o indivíduo. Momentos de EU SOU começam a aparecer à medida que a consecução mental ou ideacional no bebê de que ‘todas as partes’ lhe pertencem, torna-se gradualmente organizada. A chegada e a manutenção segura do estágio do EU SOU é um aspecto central do desenvolvimento humano. Winnicott sinaliza, no entanto, que o estabelecimento do estágio do EU SOU, concomitante à inserção e à coesão psicossomática, constitui um estado de coisas que se faz acompanhar de um afeto ansioso específico que tem uma expectativa de perseguição:

Será que esse nome conferido a Deus (EU SOU) reflete o perigo que o indivíduo sente de estar alcançando o estado de um ser individual? Se eu sou, então o caso é que consegui agrupar isto e aquilo e reivindiquei que isto sou eu e que repudiei todo o resto; ao repudiar o não-eu, insultei o mundo, por assim dizer, e posso aguardar um ataque... Isso retrata de modo preciso a ansiedade inerente à chegada de todo ser humano ao estágio EU SOU (Winnicott, 1968c, p. 43).

Essa reação persecutória é inerente à idéia do repúdio do ‘não-eu’, que acompanha a delimitação da unidade do *self* dentro do corpo, tendo a pele como membrana limitante: “No começo do ‘eu sou’ o indivíduo é por assim dizer, cru, não definido, vulnerável, potencialmente paranóide (Winnicott, 1958b, p. 34-5 – o grifo é do autor). E, reafirma Winnicott:

O estado de unidade é a conquista básica para a saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano. Com base nesse estado, a personalidade unitária pode se permitir a identificação com unidades mais amplas – digamos, a família, o lar ou a casa. Agora, a personalidade unitária é parte de um conceito de totalidade mais amplo. (Winnicott, 1968c, p. 47).

No início do estágio EU SOU não há necessidade de pressupor uma percepção da mãe por parte do bebê, pois a primeira unidade que surge inclui a mãe. Se tudo corre bem, o bebê chegará a perceber a mãe e todos os outros objetos como não-eu. No entanto, como observa Winnicott, os primórdios do EU SOU só se instala realmente no *self* do bebê a partir de um ambiente maternante suficientemente bom, no que diz respeito às experiências de adaptação e desadaptação. Desse modo, a mãe é, no início, “um delírio que o bebê precisa ser capaz de desautorizar, e aí precisa ser substituída pela desconfortável unidade EU SOU, que envolve a perda da segura fusão unitária original ‘mãe-bebê’”

(Winnicott, 1968c, p. 49). É o suporte do ego materno que cria as condições necessárias para essa conquista pelo ego do bebê. Winnicott lança mão da figura de Humpty Dumpty para descrever a chegada da criança a esse estágio do desenvolvimento:

Trata-se de um personagem que acabou de alcançar a integração, tornando-se um único todo, e recém-emergiu do conjunto ambiente-indivíduo, de modo que ele se vê em cima do muro, não mais sustentado com devoção. Ele está num momento visivelmente precário de seu desenvolvimento emocional, muitíssimo vulnerável a uma desintegração irreversível (Winnicott, 1952c, p. 313).

Para Winnicott, “quando a externalidade foi estabelecida na classificação que o bebê faz do caos potencial da vida, acha-se pronto o caminho para um enriquecimento pessoal que não possui limites, baseado na experiência pessoal e fazendo uso dos mecanismos mentais que são usualmente chamados de projeção e introjeção” (Winnicott, 1970b, p. 221). O estado de EU SOU, o estado de SER e o sentimento de realidade em existir constituem mais do que um fim em si. Marcam a conquista de uma posição subjetiva, a partir da qual a vida pode ser vivida criativamente.

Contudo, para que esses fenômenos aconteçam, há um processo em andamento. Quando a criança está começando a se separar da mãe, esta é ainda um objeto subjetivo. Winnicott chama atenção para o choque tremendo que representa para o bebê o contato com o princípio de realidade; ou seja, a experiência de ter de colocar algo intermediário entre o uso da mãe enquanto objeto subjetivo, e a sua percepção objetiva da mãe. Em outras palavras, a mãe, enquanto um aspecto do *self*, e como um objeto que, não sendo o *self*, se situa fora do controle onipotente do bebê. É a mãe que, ao se adaptar e desadaptar de modo adequado às necessidades da criança, acaba mitigando o choque inerente ao contato com o princípio de realidade.

Segundo Winnicott ocorre uma mudança radical no desenvolvimento dos seres humanos na transição entre esses dois tipos de relacionamento. Sua contribuição acerca dos fenômenos e objetos transicionais chama a atenção para “todas as coisas que a criança emprega quando está passando por essa fase, na qual a capacidade de realizar percepções objetivas é limitada e a principal experiência da relação com o objeto precisa continuar sendo o relacionamento com objetos subjetivos” (Winnicott, 1966b, p.128). Como já mencionamos, aqui, a palavra chave é tempo, a criança precisa de tempo para experimentar essa transição.

No desenvolvimento normal, vou repetir, a criança precisa de *tempo* para que tal fase possa ser explorada por completo. Ou seja, a criança precisa ser capaz de experimentar os vários tipos de relações objetais num mesmo dia, ou talvez ao mesmo tempo; por exemplo: você pode ver uma criancinha aproveitando a relação com uma tia ou com um cachorro, ou uma borboleta, e pode ver que a criança não só está realizando percepções objetivas, como apreciando o enriquecimento proveniente da descoberta. Isso não significa, no entanto, que a criança esteja pronta para viver no mundo descoberto. A qualquer momento, a criança se mistura de novo com o berço, ou com a mãe, ou com os odores familiares, instalando-se outra vez num ambiente subjetivo. O que estou tentando dizer é que são os padrões familiares da criança, mais do que qualquer outra coisa, que a abastecem daquelas recordações do passado, de tal modo que, ao descobrir o mundo, a criança sempre realiza uma viagem de volta – e essa viagem faz sentido para ela (Winnicott, 1966b, p. 130).

Depreendemos daí que, à medida que os momentos EU SOU se tornam mais freqüentes, o que é ‘não-eu’ passa a ganhar, gradualmente, uma condição de existência separada. Uma noção de tempo começa, então, a surgir: “a mãe capacita o bebê a *completar* experiências e há um senso de tempo que surge da seqüência recorrente de estados de não-integração, necessidade, clímax, satisfação (frustração) (e suas conseqüências)” (Davis, 1981, p. 68). Vejamos, então, como Winnicott concebe a participação das raízes primitivas da agressão na conquista do estágio do EU SOU.

No artigo *As Raízes da Agressão*, ele observa que “podemos descrever o desenvolvimento de uma criança anotando a progressão desde um simples movimento até as ações que exprimem raiva ou estados que denunciam ódio e controle do ódio” (Winnicott, 1964a, p. 104). Estas primeiras ações – chutes, empurrões, pancadas - conduzem a criança à descoberta de um mundo que não- eu, e inauguram as relações do indivíduo com os objetos externos. O importante é que “o que logo será um comportamento agressivo não passa, portanto, no início, de um simples impulso que leva a um movimento de exploração. A agressão está sempre ligada, desta maneira, ao estabelecimento de uma distinção entre o que é e o que não é o eu” (Idem).

A partir dessa consideração, podemos compreender melhor a distinção que pode ser feita “entre um uso sofisticado da agressão como reativo e a destruição que é mais primitiva e próxima da raiz motora” (Davis, 1985, p.87). Enquanto a agressão reativa, usada a serviço do ódio ou da raiva é uma realização que vem com o tempo através da integração da personalidade, a destrutividade nos estágios do EU SOU e do TU ÉS não é reativa, embora, de acordo com a idéia de Winnicott, esteja começando a ser intencional.

Na saúde, se a criança puder dispor de um ambiente suficientemente-bom, ao mesmo tempo sensível e rigoroso, para evitar possíveis danos reais, a agressividade conduz tanto à descoberta das fronteiras do *self* quanto ao seu controle. No seu entender, “é uma coisa saudável para o bebê conhecer a extensão da sua capacidade de fúria” (Winnicott, 1945c, p. 69).

Davis (1985) chama a atenção para importância da fantasia no processo de separação entre a criança e a mãe: “Aqui, é preciso pensar que os movimentos do corpo da criança estão começando a adquirir um acompanhamento imaginativo rudimentar ou fantasia” (p.87). A elaboração imaginativa das funções somáticas levam, então, à terrível descoberta dos pensamentos destrutivos que acompanham os estados excitados do bebê:

A medida em que a criança se desenvolve e a motilidade começa a ser utilizada por outras funções corporais e usada nos mais variados tipos primitivos de relações de objeto, a fantasia torna-se mais complexa. É bem conhecida a justaposição de “eu te amo”, “eu te devoro” e “eu te destruo”, mas existem fantasias mais simples e cruas mencionadas por Winnicott, tais como “eu te chuto e te coloco lá” ou “eu fecho os meus olhos e o mundo é aniquilado” as quais parecem ter uma relevância especial aqui. É esta fantasia de destruição mágica que a criança usa na separação do *self* do meio-ambiente (Davis, 1985, p. 87 – o grifo é do autor).

Nesse ponto, tocamos numa questão que apresenta conseqüências clínicas relevantes. Winnicott (1960d) observa que é relativamente simples chegarmos à destrutividade que nos habita a partir da raiva resultante de uma frustração, do ódio que deriva de algo que reprovamos, ou quando esta se manifesta como uma reação ao medo. A seu ver, “o difícil para cada indivíduo é assumir plena responsabilidade pela destrutividade que é pessoal e que pertence à relação com um objeto sentido como bom; em outras palavras, relacionado com o amor” (Idem, p. 155). Encontramos na passagem abaixo uma ilustração clínica sobre esse tema:

Mostro um desenho de criança que é comum, mas se estivessem estado lá, saberiam que ele representou um clímax de aventura na situação de confiança de uma consulta terapêutica em que a meninazinha separou-se de uma dependência clínica pesadamente carregada junto à mãe. Houve muitas manifestações afetuosas que pareciam genuínas e, durante alguns segundos, a menina (de oito anos de idade) colocou a mãe *do lado de lá*, por chutá-la. Naturalmente, ficou assustada e precisou rapidamente restabelecer a mãe como disponível, acessível e responsiva sem vingança (Winnicott, 1970b, p. 221 – o grifo é do autor).

Aqui, o elemento de risco está claramente em evidência: a criança entra em contato com o medo da destrutividade que está lá e de não estar mais fusionada com a mãe. No entender de Winnicott (1955) “esse momento EU SOU é um momento cru; o novo indivíduo sente-se infinitamente exposto. Somente se alguém está com os braços em torno da criança nessa hora o momento EU SOU pode ser suportado ou preferencialmente, talvez arriscado” (p. 218).

É importante lembrar que Winnicott (1950-55) acreditava que os momentos de integração derivam especialmente dos estados excitados vivenciados pelo bebê. “Aqui, cada experiência no contexto do narcisismo primário enfatiza o fato de que o indivíduo está se desenvolvendo no centro, e o contato com o ambiente é uma *experiência do indivíduo* (no seu estado de ego-id indiferenciados, a princípio) (p. 297 – o grifo é do autor). Os momentos de relacionamento excitado com um objeto derivam a sua realidade e a sua intensidade da motilidade primitiva ou da destrutividade ou da voracidade que se encontra associada a eles: “um bebê colérico é uma pessoa autêntica. Sabe o que quer, sabe como conseguir o que quer e recusa-se a perder a esperança de o conseguir” (Winnicott, 1945c, p.69). Para Winnicott, mesmo na idade adulta, poder chorar, gritar, berrar, protestar iradamente, ou seja, poder se expressar livremente, é uma das coisas mais importantes para conectar a psique ao corpo e dar ao indivíduo um sentimento realidade a cerca de si mesmo.

Prosseguindo, “com o estabelecimento do EU SOU vem a possibilidade do TU ÉS, embora aqui, devemos considerar que o desenvolvimento cognitivo e emocional do bebê alcançou um estágio no qual a mãe (ou o pai) pode ser visto como uma pessoa total” (Davis, 1985, p.88). Em seu artigo *O Uso de Um Objeto e Relacionamento Através de Identificações*, Winnicott (1969d) fornece a seguinte seqüência: “ (1) O sujeito *relaciona-se* com o objeto. (2) O objeto está em processo de ser encontrado, ao invés de ter sido colocado pelo sujeito no mundo; (3) o sujeito *destrói* o objeto; (4) o objeto sobrevive à destruição; (5) o sujeito pode *usar* o objeto (p. 131). Ele observa que “essa mudança (do relacionamento para o uso) significa que o sujeito destrói o objeto” (Idem, p. 125). Ele ilustra essa destruição da seguinte maneira:

Um filósofo de gabinete poderia argumentar a respeito que, portanto, não existe na prática o uso de um objeto: se este é externo, então é destruído pelo sujeito. Contudo, se o filósofo deixasse seu gabinete e se sentasse no chão com o paciente, descobriria que existe uma posição intermediária. Em outros termos, descobriria que, depois de o ‘sujeito relacionar-se com o objeto’, temos ‘o sujeito destrói o objeto’ (quando se torna

externo), e, então, podemos ter ‘o objeto sobrevive a destruição pelo sujeito’. Porque pode haver ou não sobrevivência (Winnicott, 1969d, p. 126).

O ponto central do argumento de Winnicott é que a capacidade de usar um objeto advém da capacidade do objeto sobreviver à destruição perpetrada pelo sujeito. Como ele observa, é importante notar que essa sobrevivência pode não se dar. A não-sobrevivência do objeto é algo que pode se efetivar de muitas formas, incluindo:

Retaliação, retraimento, defesa das mais variadas formas e, sobretudo, mudança de atitude na direção da suspeita ou diminuição da receptividade, e finalmente, um tipo de despedaçamento, no sentido da perda da capacidade para funcionar adequadamente como mãe ou, no dispositivo analítico, como analista (Ghent, 1990, p. 123, apud, Hopkins, 1998, p. 12).

Com a questão da sobrevivência do objeto, Winnicott (1969d) chama atenção para um novo aspecto da teoria da relação de objeto, mais especificamente a contribuição da destruição na criação dos objetos da realidade compartilhada. Como vimos no capítulo anterior, é o impulso destrutivo que cria a qualidade da externalidade. Além do mais, a sobrevivência do objeto não só confere valor à sua existência, bem como fornece a ele a qualidade de permanência:

O sujeito diz ao objeto: ‘Eu te destruí’, e o objeto ali está, recebendo a comunicação. Daí por diante, o sujeito diz: ‘Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer, confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia’ (inconsciente) (Winnicott, 1969d, p. 126).

Winnicott (1969d) localiza, aqui, o início da fantasia para o indivíduo: “a partir desse momento, ou surgindo dessa fase, o objeto, na fantasia, está sempre sendo destruído” (p. 130 – o grifo é do autor). E esta destruição constitui um pano de fundo inconsciente para o desenvolvimento da capacidade de amar um objeto real, fora da área do controle onipotente do sujeito. Esta qualidade de ‘estar sempre sendo destruído’, torna cada vez mais consistente a realidade do objeto sobrevivente: fortalece o tom do sentimento, contribuindo para a constância objetal. O objeto, agora, pode ser usado. Um padrão essencial de conduta se estabelece, dessa maneira: “dessa forma, o objeto desenvolve sua própria autonomia e vida e (se sobrevive) contribui para o sujeito, de acordo com suas próprias propriedades” (Idem, p.126) – o sujeito pode *usar* o objeto. Daí em diante, tendo sido alcançada essa capacidade, “os mecanismos projetivos auxiliam no ato de *notar o que*

está ali, mas não constituem *o motivo pelo qual o objeto está ali*” (Idem – o grifo é do autor). Aqui, mais uma vez é importante notar que, ainda que Winnicott chame a atenção para a importância vital dos fatores ambientais, há, de sua parte, uma ênfase na iniciativa da ação do sujeito e não no ambiente.

Ele chama a atenção para a novidade das suas formulações em relação à tradição da teoria psicanalítica da sua época: “na teoria ortodoxa, continua a suposição de que a agressividade é reativa ao encontro com o princípio de realidade, ao passo que, aqui, é o impulso destrutivo que cria a qualidade da externalidade” (Winnicott, 1969d, p. 130). Este é o ponto central à estrutura dos seus argumentos, *não há raiva* relacionada a destruição do objeto e sim alegria pela sua sobrevivência. No seu entender, “o ataque raivoso, relativo ao encontro com o princípio de realidade, constitui um conceito mais apurado, posterior à destruição” (Idem). Portanto, há uma destruição que é anterior ao contato com o princípio de realidade e é responsável pela criação da realidade. Na sua opinião, “isso se afasta da teoria que tende a conceber a realidade externa apenas em termos dos mecanismos projetivos do indivíduo” (Winnicott, 1969d, p. 126).

Davis (1985) observa o quanto a seqüência que Winnicott propõe, da passagem da relação ao uso de um objeto, é compatível com o desenvolvimento da agressividade. Com base nessa seqüência, podemos afirmar que com a posição EU SOU, chegamos a uma separação do *self* do meio-ambiente e a um repúdio do meio-ambiente. Já com a posição do TU ÉS, chegamos ao meio-ambiente interno à pessoa. Ao mesmo tempo, o indivíduo passa a perceber a realidade subjetiva do outro: a mãe é percebida como um fenômeno externo, um ser em seu próprio direito que pode ser vista como permanente, na medida em que sobrevive ao repúdio ou à destruição e, não mais um feixe de projeções. Sem dúvida, a mãe “é o primeiro ‘objeto’ a ser colocado fora e a adquirir permanência porque ela é, em parte ou no todo, o primeiro objeto catexizado, o objeto de criação primária que surge da necessidade básica. Ela é também o recipiente do ataque excitado *real*” (Davis, 1981, p.70).

Vale notar que o objeto transicional deve ser tomado como um caso especial desse processo de externalização da mãe, que se estabelece de modo gradual - juntamente com o senso de permanência - e que, pouco a pouco, irá se estender aos demais objetos. Para Winnicott, no entanto, o objeto transicional antecede o estabelecimento do teste de realidade. Embora ele retenha “qualidades mágicas até que, finalmente seja descatexizado,

não obstante ele possui uma permanência e vida próprias, vinculadas a seu valor de sobrevivência” (Davis, 1981, p. 71).

O corolário dessa concepção é que “enquanto o sujeito não destrói o objeto subjetivo (material de projeção), a destruição surge e se torna característica central, na medida em que o objeto é objetivamente percebido, tem autonomia e pertence à realidade compartilhada” (Winnicott, 1969d, p. 129). Ou seja, a destruição real está relacionada ao fracasso do objeto em sobreviver e sem esse fracasso a destruição permanece potencial. Por outro lado, a destruição na fantasia inconsciente e a permanência em termos da sobrevivência, torna acessível ao uso todo um mundo de objetos, pessoas e coisas:

O reconhecimento da outra pessoa como uma entidade viva por direito próprio é recíproco ao reconhecimento do *self* como um indivíduo que, sobretudo, pode usar a personalidade, o caráter, a experiência e o mundo criado pelo outro para crescer; e aqui está a base para a verdadeira aprendizagem. Além do mais, a sobrevivência da pessoa que foi destruída significa que é possível rebelar-se contra ela, ela pode ser odiada e repudiada com segurança, o que acaba por conduzir ao fortalecimento da aceitação, do amor e da confiança. (Davis, 1981, p. 72).

A mudança da relação de objeto para o uso de um objeto possibilita igualmente a distinção entre o sonho e o mundo de vigília. Daí Winnicott localizar o início da fantasia para o sujeito, nessa passagem: “Dessa maneira cria-se um mundo de realidade compartilhada que o sujeito pode usar e que pode retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do sujeito” (Winnicott, 1969, p. 131). O indivíduo pode, agora, começar a incorporar as substâncias outras-que-não-eu do mundo da realidade compartilhada para enriquecer o *self*:

Desenvolve-se uma nova capacidade de relação de objeto, a saber, uma capacidade baseada num intercâmbio entre a realidade externa e exemplos oriundos da realidade psíquica pessoal. Essa capacidade se reflete no uso de símbolos pela criança, no brincar criativo e, como tentei demonstrar, na capacidade gradativa da criança de utilizar o potencial cultural, na medida da disponibilidade deste, no meio ambiente social imediato (Winnicott, 1971f, p. 178).

Na medida em que o bebê descobre as qualidades do mundo externo ele começa a se tornar um cientista, ou seja, “pode medir suas expectativas contra um mundo de fenômenos compartilhados e permanentes” (Davis 1981, p. 71). Podemos dizer que, “em termos de relacionamentos pessoais, a mudança da relação para o uso traz consigo o primeiro inter-relacionamento verdadeiro do bebê, entre ele e um objeto ‘objetivamente

percebido’ – entre um EU e um TU” (Idem - o grifo é do autor). Winnicott (1971f) localiza aqui um novo e importante desenvolvimento, a saber, “o estabelecimento de inter-relacionamentos baseados em mecanismos de projeção e introjeção, mais estritamente afins ao afeto do que ao instinto” (p.178): as identificações cruzadas, baseadas na empatia, na capacidade do sujeito de se colocar na ‘pele’ do outro.

Ainda que essa mudança signifique que o isolamento do *self* do bebê esteja mais definido, tanto o bebê quanto a criança em desenvolvimento ou mesmo o adulto “mantém a habilidade de inter-relacionar-se através da superposição dos espaços potenciais” (Davis 1981, p. 72). Essa habilidade é o que comumente designamos por brincar. Essa capacidade, aliada à crescente habilidade de se relacionar através das identificações cruzadas, permite que a nítida linha de separação entre EU e NÃO-EU seja mitigada.

Na medida em que o bebê consegue tolerar sua fantasia mágica ou destrutiva, ele se torna igualmente capaz de suportar o seu comportamento agressivo, próprio e natural (compatível com a sua idade). Assim, quando o objeto sobrevive sem retaliação, a agressividade torna-se algo que pode ser ‘contido’, ao invés de algo que somente pode ser retido, por meio de fantasias persecutórias (sem, no entanto, a responsabilização do sujeito).

Por tudo que já foi dito, “quase não é preciso dizer que é somente quando há EU SOU e TU ÉS que pode haver NÓS SOMOS” (Davis, 1985, p. 89). A conquista dessa posição torna o sujeito capaz de experimentar as mais variadas formas de conjugalidade, incluindo-se aí a sua participação como indivíduo na sociedade. Winnicott (1968g) considerava que se acreditamos na possibilidade da saúde, podemos “estudar a sociedade, onde ela representa a afirmação da realização pessoal” (p. 190). Ele postula o seu axioma da seguinte maneira:

A sociedade existe como estrutura ocasionada, mantida e constantemente reconstruída por indivíduos, não havendo, portanto, realização pessoal sem a sociedade, assim como é impossível existir sociedade independente dos processos coletivos de crescimento dos indivíduos que a compõem (Winnicott, 1968g, p. 190).

4.3.2 A terceira pessoa: o pai, o ambiente indestrutível e o outro sexo

Resta-nos, agora, tecer algumas considerações a respeito da terceira pessoa. No entanto, antes de prosseguir, são necessárias algumas observações preliminares. Antes de qualquer coisa, é preciso lembrar que a passagem do mundo subjetivo para o mundo

objetivamente percebido, além de se dar de forma gradual, não se dá de uma vez por todas. Assim, para Winnicott, o indivíduo, de início, emerge da solidão de seu mundo subjetivo para um relacionamento a dois. Vimos, no capítulo anterior, que a chegada a esse estágio é um marco importante do desenvolvimento emocional que, na teoria kleiniana, foi abordado através da noção de posição depressiva. Na década de 50, Winnicott empreende uma releitura desse conceito e, através da capacidade de preocupação (*concern*), fornece uma abordagem que valoriza os aspectos positivos dessa conquista do desenvolvimento emocional primitivo. Na década de 60, ele voltará a se referir à posição depressiva a fim de localizar o início dos fenômenos relativos à passagem da relação para o uso de um objeto.

Não é difícil perceber que, de várias maneiras, o conceito de uso de objeto está relacionado à descrição que ele faz sobre o desenvolvimento da capacidade de preocupação (*concern*). Em última instância, ambos dizem respeito à emergência do sujeito, a partir da sua solidão subjetiva. Contudo, há uma diferença entre esses conceitos que se mostra da maior importância no tocante à possibilidade de acesso à terceira pessoa. Para Winnicott (1958), com o conceito de posição depressiva, Melanie Klein havia desenvolvido “a idéia do conflito em um relacionamento simples a duas pessoas, do lactente com a mãe, conflito originado das idéias destrutivas que acompanham o impulso amoroso” (p. 25). Assim, ainda que o estágio do *concern* marque o início de um relacionamento entre duas pessoas, a questão da passagem para um relacionamento a três fica em aberto, não chegando a ser elucidada. É justamente sobre essa passagem do dois para o três que o conceito mais tardio de uso de objeto vem lançar luz. Como observa Davis (1985), tanto a capacidade de preocupação (*concern*) quanto o uso de objeto devem “acontecer sob a rubrica da ‘destrutividade como uma realização’” (p. 88). Na capacidade de preocupação (*concern*), “é a destruição da mãe que está sendo atacada e devorada na fantasia que conduz à culpa na criança e à capacidade de reparação, de fazer o bem e, eventualmente, de assumir toda a responsabilidade pelo impulso pessoal” (Idem). Em seu artigo da década de 50, *A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional*, Winnicott (1950-55) afirma que “a atividade social não pode ser satisfatória a não ser quando se baseia num sentimento de culpa pessoal a respeito da agressividade” (p. 291 – o grifo é do autor).

Se levamos adiante o paralelo entre essas duas noções, encontramos que “tanto a capacidade de preocupação (*concern*) quanto a capacidade de usar um objeto envolvem o

suporte instintual da destrutividade” (Davis, 1985, p. 88). Em ambas, a sobrevivência do objeto é da maior importância. Ambas resultam na tolerância da ambivalência e da aceitação da agressividade pessoal. As aproximações, no entanto, parecem parar por aqui. Se, por um lado, a capacidade de preocupação (*concern*) - formulada na década de 50 -, nos remete aos momentos iniciais da responsabilidade social, por outro, “ela não explica como o bebê, a criança, o adulto ou o paciente pode usar as substâncias outro-que-não-eu para o crescimento pessoal” (Idem). Como assinala Davis (1985), a capacidade de preocupação (*concern*) “é baseada na fantasia do objeto destruído, consumido e esvaziado e nas atividades reparadoras do bebê, com relação ao objeto real diferenciado, o qual está presente de maneira confiável” (p.88). Ou seja, através da atividade reparadora, a fantasia do objeto torna-se completa mais uma vez.

No entanto, com a concepção de uso de um objeto, Winnicott afirma que a sobrevivência do objeto o torna permanente, atribuindo-lhe, ainda, a qualidade de externalidade. Ou seja, o objeto deixa de ser um mero feixe de projeções para, desde então, tornar-se algo que pode ser apreendido como uma entidade em seu próprio direito. Esta, não podendo ser destruída, torna o seu uso possível para o crescimento pessoa. Assim, em condições favoráveis, “a destruição torna-se um padrão essencial na medida em que o objeto é objetivamente percebido e, neste processo, o objeto torna-se destruído porque é real e real porque é destruído” (Idem)¹⁸. Ou seja, ao insistir na investigação acerca do papel positivo da destruição, com a noção de uso de objeto, Winnicott lança luz sobre a entrada, até então obscura, do terceiro no relacionamento entre duas pessoas.

A possibilidade do ELE É, a terceira pessoa, traz à cena a questão do pai. Embora, como sabemos, Winnicott tenha se ocupado, preferencialmente, com a relação do bebê com sua mãe, a natureza da relação com o pai aparece problematizada ao longo de toda a sua obra, ainda que de maneira esparsa e pouco sistemática. Encontramos um artigo, de 1945, intitulado *E o Pai?* que, a despeito de se referir ao papel desempenhado pelos

¹⁸ Nesse ponto a experiência clínica teve um papel relevante, ajudando a Winnicott a chegar a uma melhor compreensão desses fenômenos. A seu ver, a “atividade destrutiva constitui a tentativa, empreendida pelo paciente, de colocar o analista para fora da área do controle onipotente, isto é, no mundo” (Winnicott, 1969d, p. 127). Ele observou que “para alguns pacientes o problema da transferência é que eles protegem o analista. A mudança crucial ocorre quando eles são capazes de assumir o risco de não proteger mais o analista e ele sobrevive. Isso levou Winnicott (1969d) a concluir que “sem a experiência da destrutividade máxima (objeto não protegido), o sujeito jamais coloca o analista para fora, e portanto, não pode mais do que experimentar uma espécie de auto-análise, usando o analista como projeção de uma parte do eu (*self*)” (p. 127).

homens e mulheres daquela época, mantém, ainda, viva a pertinência da reflexão sobre esse conceito. Na década de 60, em um de seus últimos trabalhos, enquanto elaborava o conceito de uso de objeto e investigava o valor positivo da destruição, Winnicott (1969a) reconhece que os avanços teóricos e clínicos da psicanálise haviam conduzido os psicanalistas a terem que se confrontar com a questão do pai:

Freud, no arcabouço de seu próprio e bem-disciplinado funcionamento mental, não sabia que temos hoje de lidar com um problema como o seguinte: O que há na presença real do pai e do papel que ele desempenha na experiência do relacionamento entre ele e a criança e entre a criança e ele? (Winnicott, 1969a, 188).

Sem dúvida, “no esquema de individuação de Winnicott e da jornada rumo à independência, o pai tem um papel especial a desempenhar” (Davis, 1985, p. 89). De início, “a função do pai (ao lidar com o ambiente para a mãe) não é conhecida da criança” (Winnicott, 1960b, p. 44), ou seja, ele ainda não funciona como um terceiro, a não ser, indiretamente:

Eu diria que certas qualidades da mãe que não fazem essencialmente parte dela reúnem-se gradualmente na mente infantil; e essas qualidades atraem sobre si próprias os sentimentos que o bebê, com o tempo, acaba por dispor-se a alimentar em relação ao pai. É incomparavelmente melhor um pai forte, que pode ser respeitado e amado, do que apenas uma combinação de qualidades maternas, normas e regulamentos, permissões e proibições, coisas inúteis e intransigentes (Winnicott, 1945d, p. 128).

Winnicott (1945d) observa que ao entrar na vida da criança, o pai assume sentimentos que ela já alimentava em relação a certas propriedades da mãe. Em 1966, ele afirma que “o pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto ele é uma das duplicações da mãe” (Winnicott, 1966b, p. 126). No entanto, o modo como ele se torna real para os seus filhos interfere com a outra característica, segundo a qual:

Ele [o pai] acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado (Winnicott, 1966b, p. 127).

Percebemos, então, que o papel do pai como terceiro recebeu destaque não apenas como “o pai e quem ele é como pessoa em relação à mãe, mas também o que a mãe contém em sua mente durante a maternagem” (Abram, 2000, p. 23). No entanto, cada vez mais ele se perguntaria sobre a importância da presença real de um pai para a criança:

O que há na presença real do pai e do papel que ele desempenha na experiência do relacionamento entre ele e a criança e entre a criança e ele? O que isto causa no bebê? Pois há uma diferença, que depende de o pai achar-se lá ou não, se é capaz de estabelecer um relacionamento ou não, se é são ou insano, se tem a personalidade livre ou rígida (Winnicott, 1969a, p.188).

Como observa Abram (2000), “Winnicott postula a existência de um pai que é sempre um objeto total para o bebê” (p. 23). Em seu artigo *O Uso de um Objeto no Contexto de Moisés e o Monoteísmo*, ao escrever sobre a tendência inata do bebê à integração fortalecida pelo suporte do ego materno, Winnicott avalia a importância da terceira pessoa, o pai, nos seguintes termos:

A terceira pessoa parece desempenhar um grande papel, para mim. O pai pode ou não ter sido um substituto materno, mas em alguma ocasião ele começa a ser sentido como se achando lá em um papel diferente, e é aqui que sugiro que o bebê tem probabilidade de fazer uso do pai como um diagrama para sua própria integração, quando apenas se torna às vezes uma unidade. Se o pai não se encontra lá, o bebê tem de fazer o mesmo desenvolvimento, mas de modo mais árduo, ou utilizando algum outro relacionamento que seja bastante estável com uma pessoa total” (Winnicott, 1969a, p.188)

Davis (1985) enfatiza que o pai representa especialmente o ambiente indestrutível, possibilitando o comportamento agressivo efetivo da criança em decorrência do seu rigor paterno. Sem dúvida, ser indestrutível é a qualidade por excelência de um ambiente suficientemente-bom! Assim, com o pai, a questão da sobrevivência do objeto chega ao seu limite. E, como acabamos de ver, é a sobrevivência do ambiente que possibilita ao bebê sentir-se seguro e migrar da relação de objeto para o uso do objeto, seguindo o seu caminho rumo à independência. O pai, ao mesmo tempo em que dá continuidade ao fracasso de adaptação às necessidades do bebê que havia sido iniciado pela mãe, satisfaz a sua necessidade crescente de entrar em contato com o princípio de realidade.

Em 1967, ao examinar a questão da de-privação¹⁹ da criança em termos do pai, Winnicott é enfático quanto a importância da sobrevivência do ambiente à destrutividade da criança, salientando a complexa integração que ela realiza, envolvendo os seus impulsos destrutivos e amorosos, e o reconhecimento da realidade das idéias destrutivas que são inerentes ao viver e ao amar:

A criança... descobre que é seguro ter sentimentos agressivos e ser agressivo, por causa do quadro de referências da família, que representa a sociedade de forma localizada. A confiança da mãe em seu marido, ou o apoio que vai conseguir caso o solicite, da

¹⁹ A noção de de-privação será abordada no próximo tópico.

sociedade local, talvez o apoio de um policial, cria a possibilidade de a criança explorar rudemente atividades destrutivas que se relacionam ao movimento em geral, e mais especificamente à destruição relacionada à fantasia que se acumula em torno do ódio. Nesse caminho (por causa da segurança ambiental, da mãe sendo apoiada pelo pai, etc.), a criança torna-se capaz de fazer uma coisa muito complexa, ou seja, integrar seus impulsos destrutivos com os amorosos, e o resultado, quando tudo corre bem, é que a criança reconhece a realidade das *idéias* destrutivas que são inerentes, na vida, ao viver e ao amor, e encontra modos e maneiras de proteger de si mesma pessoas e objetos valorizados. Na verdade, a criança organiza sua vida de modo construtivo, a fim de não se sentir muito mal em relação à destrutividade real que passa por sua mente. Para adquirir isso em seu desenvolvimento, a criança *requer, de modo absoluto, um ambiente que seja indestrutível em certos aspectos essenciais* (Winnicott, 1967b, p. 85-6 – o grifo é do autor).

Winnicott (1945d) ressalta que a presença real do pai, em casa, é valiosa de diversas maneiras. A primeira coisa é que, “o pai é preciso em casa para ajudar a mãe a sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito” (p. 129). Sob a proteção paterna, a mãe pode se entregar, sem ansiedades, às necessidades do seu bebê. No seu entender, “uma criança é realmente sensível às relações entre seus pais e se tudo corre bem entre as paredes do lar, por assim dizer, a criança é a primeira a mostrar o seu apreço por encontrar a vida mais fácil, mostrando-se mais contente e mais dócil de conduzir” (Idem). Estaria aqui, o que “uma criança entenderia por segurança social” (Idem). Em segundo lugar, o pai é necessário “para dar à mãe apoio moral, ser um esteio para a sua autoridade, um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança” (Idem).

Winnicott (1945d) esclarece que o pai “não precisa estar presente todo o tempo para cumprir essa missão, mas tem de aparecer com bastante frequência para que a criança sinta que o pai é *um ser vivo e real*” (Idem – o grifo é nosso). Compreendemos, com isso, que a presença de ambos os genitores no lar constitui uma influência estabilizadora, posto que, “a criança está constantemente predisposta a odiar alguém e se o pai não estiver presente para servi-lhe de alvo, ela detestará a mãe e isso irá confundi-la, visto ser a mãe que a criança mais fundamentalmente ama (Idem, 130). Por fim, “a criança precisa do pai por causa das suas qualidades positivas e das coisas que o distinguem dos outros homens, bem como da vivacidade de que se reveste a sua personalidade” (Idem). A maneira como cada criança travará conhecimento com seu pai varia enormemente. Contudo, se o pai estiver presente e quiser conhecer o próprio filho, este é uma criança de sorte. Nas circunstâncias mais felizes o pai enriquece de maneira diversa e abundante o mundo do

próprio filho. Seja servindo de base para a formação dos ideais que ampliam os horizontes infantis do mundo, seja apresentando novos e valiosos elementos que podem ser utilizados nas brincadeiras. Há algo, no entanto, que um pai faz por seu filho que, a despeito do imenso valor, é suscetível de ser facilmente esquecido, em virtude da sua extrema simplicidade: “é estar vivo e continuar vivo durante os primeiros anos das crianças” (Idem, p. 131). De modo que, “se o pai morre isto é importante, bem como quando ele falece, exatamente, na vida do bebê, e há muita coisa também a ser levada em conta que tem a ver com a *imago* do pai na realidade interna da mãe e com o destino dessa *imago* aí” (Winnicott, 1969a, p.188).

Sabemos que, ao fornecer o apoio (ou sustentação) necessário para que a mãe possa prover o seu bebê (ou a criança) com um ambiente suficientemente-bom, o pai torna-se o promotor do estágio de preocupação (*concern*). O importante aqui é a moldura, a força: “Um pai forte capacita a criança a correr o risco, ao se por no caminho ou se achar lá para corrigir as coisas ou impedi-las” (Winnicott, 1968e, p. 184). A privação em termos disso – do pai enquanto promotor de moldura, de limite –, está relacionada ao aparecimento de um tipo específico de tendência anti-social²⁰.

Assim, depois de haver sido um objeto subjetivo para a criança, mais especificamente o que há de duro e indestrutível no objeto subjetivo materno, o pai aparece, inicialmente, como uma duplicação da figura materna, aprimorada pelas idealizações a que dá suporte. O próximo passo, a relação triangular, depende, sobretudo, ainda, de um desenvolvimento complexo:

Na relação triangular entre pessoas, [...] a criança é apanhada de surpresa pelo instinto e pelo amor. Este amor envolve mudanças no corpo e na fantasia, e é violento. Um amor que leva ao ódio. A criança odeia a terceira pessoa. Por ter sido um bebê, a criança já conhece o amor e a agressão, e também a ambivalência e o medo de que aquilo que é amado seja destruído. Agora finalmente, na relação triangular, o ódio pode aparecer livremente, pois o que é odiado é uma pessoa que pode se defender, e que na verdade já é amada; no caso do menino, trata-se do pai, do genitor, do marido da mãe. O amor pela mãe é liberado, nos casos mais simples, porque o pai se transforma no objeto do ódio, aquele capaz de sobreviver, e castigar, e perdoar (Winnicott, 1988[54], p.72).

Percebemos, então, ser um grande alívio para a criança poder experienciar as ansiedades que pertencem ao complexo edípico. Nessa condição, “a criança se acha suficientemente bem para ser uma pessoa total entre três, experienciar a situação triangular

²⁰ Essa temática será abordada de modo mais abrangente no próximo tópico deste capítulo.

e ser capaz de elaborar na presença dos pais, tudo o que se quer dizer por passagem do complexo edípico e estabelecimento de um superego” (Winnicott, 1960a, p. 357). No entanto, muitas crianças jamais alcançam este alívio. “O que acontece em casos desse tipo não é que não haja superego, mas que a formação do superego nunca se torna humanizada e continuará tal como o politeísmo antes do monoteísmo” (Idem).

Como já vimos, por um lado, essa passagem depende de fatores ambientais. Por outro, não podemos deixar de levar em conta o impulso biológico que há na criança por trás de todo progresso. No entanto, como observa Winnicott, “muito rapidamente, os bebês passam a proteger os seios” (Winnicott, 1968a, p. 26); ou seja, “se admitirmos que o bebê pode machucar, e sente um impulso para isso, teremos de admitir também a existência de uma inibição dos impulsos agressivos, facilitando a proteção do que é amado e está, portanto em perigo” (Winnicott, 1939, p. 97). Como observa Phillips (1988), na década de 60, Winnicott teria se perguntado como acontece que uma criança se lance em sua jornada rumo à independência, depois de haver recebido cuidados suficientemente-bons? É aqui que podemos perceber a importância da existência de um terceiro, o pai, para a criança:

O bebê, no estágio em que se torna capaz de colocar o objeto na realidade externa, realizou (realize) o fato da sua dependência ao objeto e, penso, que o que deve ser um corolário necessário a essa realização é um esforço em direção à independência. Para adquirir autonomia ele necessita um mundo que seja externo e permanente e, também, ele precisa ser capaz de destruir um tipo de relacionamento e, de acordo com as necessidades das suas mudanças, criar um outro. Penso ser útil referir-se à palavra ‘repudiar’ que Winnicott usou quando falava acerca do estágio do EU SOU. Ele também falou sobre ‘esquecimento’ e sobre ‘ir embora’, e essas coisas parecem fazer parte do ‘crescer para fora’ que ele ligou ao uso de um objeto (Davis, 1985, p. 90 – o grifo é do autor).

Ao final desse percurso, arriscamos a fazer algumas inferências, suscitadas pelas colocações de Davis (1985). Em primeiro lugar, uma breve referência ao ELA É. Como vimos, na passagem da relação de objeto para o uso de um objeto, este é situado, pelo sujeito fora da área do seu controle onipotente. Disso decorre que o objeto, desde então, pode ser percebido em sua realidade, ou seja, como algo que tem existência própria e não como um mero feixe de projeções. Podemos, então, vislumbrar a ampliação que sofre a discussão sobre a temática da sexualidade, se agregamos a ela um enunciado acerca do valor positivo da destruição e, de modo especial o conceito de uso de um objeto. É fácil de concluir que sem a destruição que cria a externalidade, a sexualidade genital não seria

possível. A genitalidade seria, portanto, uma conquista do desenvolvimento que tem como pré-requisito a conquista do estatuto do eu separado do não-eu, ambos como pessoas totais.

Em segundo lugar, a partir da perspectiva desse estudo, podemos pensar na possibilidade de um NÓS que é dependente de um EU e de um TU, mas não necessariamente de um terceiro, um pai. Ou seja, existem elementos aqui que nos permitem cogitar na possibilidade de um coletivo que se aproximaria mais de uma ‘coleção de dois’, no qual uma verdadeira relação alteritária seria inexistente ou comprometida em algum grau.

Por fim, como observa Davis (1985), é importante notar “a ênfase de Winnicott no papel vital dos pais como facilitadores das transições maturacionais do *infans* desde a experiência de destrutividade mágica até os sentimentos normais de ódio e agressividade” (p. 91). No seu entender, podemos identificar a seguinte seqüência:

Em primeiro lugar, Winnicott sugere, o *infans* sente que o “mundo pode ser aniquilado pelo fechar dos olhos e recriado através de um novo olhar e de uma nova fase de necessidades”. Eventualmente, no entanto, se o *infans* recebe uma maternagem suficientemente boa, ele ou ela pode começar a se dar conta do mundo como tendo uma existência independente e estando fora do seu controle mágico. Conseqüentemente, o ódio normal e a destrutividade tornam-se tanto uma possibilidade quanto uma realização, que indicam o desenvolvimento bem sucedido do *infans* (Davis, 1985, p. 91).

Na abordagem de Winnicott, o êxito ou o fracasso no tocante a questão da agressividade dependerá sempre dos fatores ambientais. O corolário disso é que ele não cansou de enfatizar o seu ponto de vista de que a destruição real está relacionada ao fracasso do objeto em sobreviver, enquanto que, sem esse fracasso, a destruição permanece potencial. Ou seja, “na saúde o indivíduo pode guardar a maldade dentro de si para usá-la contra forças externas que ameaçam o que ele julga valioso. A agressividade tem, nesse caso, um valor social” (Winnicott, 1950-55, p. 295). Esse valor social advém do fato de que, “aqui, em contraste com a agressividade maníaca ou delirante, fica preservada a objetividade, e assim o inimigo pode ser enfrentado com economia de esforços. Trata-se de um inimigo que, para ser atacado, não precisa ser amado” (Idem).

Nesse contexto, podemos afirmar que, sem a sobrevivência do objeto num estágio inicial do desenvolvimento, o crescimento do indivíduo rumo à independência e à maturidade encontrar-se-á sempre, gravemente, comprometido. Nos termos de Winnicott:

Quando existe participação adequada da mãe e boa orientação dos pais, a maioria das crianças alcança a saúde e a capacidade para deixar de lado o controle e a destruição mágicos, e para desfrutar da agressão que nelas acompanha as gratificações e todas as relações ternas e riquezas pessoais que compõem a vida da infância” (Winnicott, 1964a, p. 110).

Somente o indivíduo que teve sorte com respeito à maternagem e à paternagem pode continuar a conhecer sobre a destrutividade nos sonhos e através deles, e através das experiências culturais. Ou seja, através de todas as atividades que envolvem o *self* total e propiciam o sentimento de sentir-se real. De fato, através de todas as realizações que se originam do ser. Nesse caso, tanto a agressão quanto a destruição, além de ter um valor um positivo, representam uma conquista do desenvolvimento emocional.

4.4 A intrusão que obriga a reagir: as falhas do meio-ambiente e os transtornos no desenvolvimento da agressividade

De certo modo, até agora, nos ocupamos em descrever o desenvolvimento que se realiza a partir de uma provisão ambiental satisfatória, ou seja, num ambiente de *holding*, criado por uma maternagem suficientemente boa, através do qual o potencial herdado tem a chance de experimentar uma ‘continuidade do ser’ (*continuity of being*). É chegada a hora, no entanto, de podermos avaliar o que se passa quando o meio ambiente falha em proporcionar essas condições. Para Winnicott, “a alternativa a ser é reagir, e reagir interrompe o ser e o aniquila. Ser e aniquilamento são as duas alternativas” (Winnicott, 1960b, 47). Aqui, a provisão ambiental deve ser avaliada no contexto do apoio ao ego do bebê, propiciado pela adaptação ativa da mãe às suas necessidades. Quando existe uma falha real no âmbito desse apoio, o desenvolvimento emocional fica detido ou é adiado. A reação da criança toma o lugar do simples crescimento. Certamente, este é um tema complexo, em virtude dos graus e das variantes que podem se apresentar em termos de falhas ambientais. Além do mais, é preciso considerar ainda o estágio de desenvolvimento no qual elas incidem, seja a dependência absoluta ou relativa. Assim, dada a abrangência dessa temática, optamos por abordá-la a partir de duas rubricas: as distorções no desenvolvimento do Ego, em termos de Falso e Verdadeiro *Self* e a tendência anti-social. Primeiramente, pretendemos investigar as distorções relativas aos momentos iniciais do

desenvolvimento emocional, no qual a dependência do bebê com relação aos cuidados maternos é absoluta. Os processos de integração, personalização e realização colocam-se em marcha, ajudados pela provisão ambiental. Desse modo, além do próprio ego, o Eu e o sentimento de *self* estão em vias de se estabelecer. Em seguida, nossa intenção é avaliar o aparecimento da tendência anti-social, num estágio posterior quando a dependência já é relativa e o bebê já é capaz de discernir entre um eu e um não-eu. Em ambos os casos, estaremos lidando com possibilidades de extravios da agressividade. Trata-se de uma agressividade que é reativa.

Como vimos no capítulo três desta tese, Winnicott considerava que a teoria psicanalítica havia deixado de lado “duas fontes vitalmente importantes da agressão: aquela inerente aos impulsos do amor primitivo (no estágio anterior ao *concern*, independentes das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir (Winnicott, 1988[54], p. 155). Até agora, nos ocupamos em investigar as possibilidades de destino da agressividade inerente aos impulsos do amor primitivo, no contexto de uma provisão ambiental satisfatória. Resta-nos, portanto, uma avaliação da segunda fonte de agressividade, “aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir” (Idem).

O importante a ser destacado é que, ainda que estejamos falando de uma agressividade reativa, não se trata, contudo, de uma reação às frustrações inerentes ao exercício da vida pulsional. A reação em questão deve ser apreendida no contexto dos relacionamentos tranqüilos, na qualidade da provisão ambiental propícia à experiência de continuidade de ser. É essa continuidade de ser que, devido às falhas na provisão ambiental, encontra-se ameaçada, obrigando o indivíduo a reagir. Winnicott, no entanto, chama atenção para a enorme diferença que resulta do fato da falha ambiental incidir no momento inicial de dependência absoluta ou no momento posterior de dependência relativa.

Perturbações ambientais que distorcem o desenvolvimento emocional de um bebê não produzem tendências anti-sociais; produzem distorções da personalidade que redundam em psicoses, que a levam de um hospital mental a outro, ou então sua vida vai seguindo com algumas distorções aqui e ali, no teste de realidade, e assim por diante, talvez do tipo de distorção que é socialmente aceito. A tendência anti-social não se relaciona com uma carência, mas sim com uma privação (Winnicott, 1967b, p. 83).

No primeiro caso, estaremos lidando com os efeitos de uma carência de aspectos essenciais do cuidado materno para a colocação em marcha dos processos de integração e

personalização, bem como o estabelecimento do relacionamento com a realidade externa. Estamos falando da falta de algo que, na realidade, nunca existiu e que, dependendo do grau e da extensão, pode ter conseqüências devastadoras para o indivíduo por vir. Nesse momento,

Amealhar fatores externos para dentro da área da onipotência da criança está no processo de formação. O auxílio ao ego do cuidado materno possibilita ao lactente viver e se desenvolver, a despeito de não ser capaz de controlar ou de se sentir responsável pelo que de bom e mau ocorre no ambiente... O Paradoxo é que o que é bom ou mau no ambiente do lactente não é de fato uma projeção. (Winnicott, 1960b, p. 39).

No segundo caso, a criança já se encontra desenvolvida o bastante para se conscientizar dos acontecimentos (ainda que de forma rudimentar) sendo capaz, portanto, de responsabilizar o meio ambiente pelo estado em que se encontra. “A pele se torna o limite entre o eu e o não-eu. A psique começa a viver no soma e uma vida psicossomática de indivíduo de inicia” (Winnicott, 1962a, p. 60). Em função de um ambiente estável e seguro a integração, agora, é um fato e marca o estabelecimento do estágio do EU SOU. E, como vimos no tópico anterior, “o estágio do EU SOU, a par da conquista da inserção psicossomática, constitui um estado de coisas que se acompanha de um afeto ansioso específico que tem uma expectativa de perseguição” (Idem). O contato com princípio de realidade é uma experiência pessoal, inaugurando a jornada rumo à conjugação do verbo SER, no presente do indicativo. Nessas condições, a incidência de uma falha ambiental significa a perda de algo que vinha sendo experimentado de maneira satisfatória, pela criança, até então – uma de-privação. De início, há o protesto da criança, próprio a este tipo de situação. Dependendo de como este for ou não acolhido, ele pode se intensificar em um pedido de ajuda, um SOS dirigido ao meio ambiente, dando origem à tendência anti-social. A progressão do quadro, sua reversão ou o seu agravamento é dependente dos cuidados e atenção dispensados pelo meio ambiente.

Nesse momento, cabe a observação de que o termo empregado por Winnicott para designar a privação que dá origem à tendência anti-social é *deprivation*. Este termo, por sua vez, não dispõe de uma tradução padronizada para o Português, sendo, às vezes, traduzido simplesmente por privação. Nosso intuito é de que, com essa ressalva, independente do termo que esteja sendo utilizado o leitor possa discernir o conceito em questão.

4.4.1 A distorção em termos de verdadeiro e falso *self* ou a criatividade ameaçada

A preocupação com os primórdios da vida psíquica foi uma constante na obra de Winnicott. Em 1949 ele afirmaria: “É óbvio que antes do nascimento já há um início de desenvolvimento emocional, e é possível que mesmo nessa época já exista a capacidade para uma aceleração falsa ou não saudável desenvolvimento” (Winnicott, 1949a, p. 263). A condição de saúde seria, então, descrita por ele nos seguintes termos:

Na saúde, as perturbações ambientais até certo grau constituem um estímulo valioso, mas para além desse grau tais perturbações são contraproducentes na medida em que dão margem a *reações*. Nesse estágio tão inicial do desenvolvimento ainda não há uma força do ego para que ocorra uma reação sem perda de identidade (Winnicott, 1949a, p. 263 – o grifo é do autor).

Ele enfatiza que a reação, nesse estágio do desenvolvimento humano, significa uma perda temporária de identidade. Trata-se de algo que “provoca um sentimento extremo de insegurança, e situa-se na base da expectativa de novos exemplos de perda da continuidade do ser, e mesmo de uma desesperança congênita (embora não herdada) quanto à possibilidade de alcançar uma vida pessoal” (Winnicott, 1949a, p. 265). No seu entender, faz parte desse sentimento de desesperança a intolerável experiência de sofrer o efeito de algo sem ter a mínima idéia de quando isto irá terminar. Por outro lado, a força do ego advém da sua integração, quando falamos de um ego fraco, na verdade, “o que é fraco é a integração da organização do ego total” (Winnicott, 1949a, p. 266).

Nesse contexto, muita coisa pode acontecer, quando o bebê, dotado de uma organização egóica extremamente imatura, é obrigado a entrar em contato com um ambiente que insiste em ser importante. Winnicott (1949a) sugere, então, a possibilidade de “uma *falsa integração* que implica em alguma forma de pensamento abstrato, o que não é natural” (p. 266 – o grifo é nosso). Essa falsa integração apareceria como uma reação a uma interrupção na continuidade do ser: o bebê perturbado por uma imposição que o faz reagir é empurrado para fora do estado de ‘ser’. Como já vimos, apenas sob certas condições esse estado de ‘ser’ pode acontecer. Ao reagir, a continuidade de ser do bebê é interrompida. O

ambiente que se impõe “não pode ser sentido pelo bebê como uma projeção de seus impulsos agressivos pessoais, pois neste estágio tal coisa ainda não faz sequer sentido” (Winnicott, 1949a, p. 267 – o grifo é do autor).

Em 1949, Winnicott ainda não havia postulado o estágio inaugural relativo à fusão do bebê com sua mãe, anterior a toda e qualquer relação de objeto. Ele encontra-se às voltas, tentando estabelecer a noção de trauma e seu texto torna-se às vezes confuso, na sua tentativa de distinguir o que seria uma reação ‘normal’, que não estaria associada à interrupção na continuidade do ser de uma outra que seria traumatizante. Contudo, se não nos deixarmos capturar por uma necessidade de precisão conceitual podemos usufruir de suas descrições e intuições, extremamente elucidativas da sua maneira de conceber esses momentos precoces. Vale lembrar que ele irá descrever esses momentos iniciais da interação primitiva mãe-bebê como uma ‘experiência de mutualidade’:

É possível assumirmos com certeza que a partir da concepção o corpo e a psique desenvolvem-se juntos, a princípio fundidos, e gradualmente tornando-se distinguíveis um do outro. Seria certamente possível dizer da psique (independentemente do soma) que antes do nascimento existe um estar-aí pessoal, uma continuidade da capacidade de ter experiências. Essa continuidade, que poderia ser vista como o início do eu, é periodicamente interrompida por fases de reações à intrusões. O eu começa então a incluir memórias dos curtos períodos em que a reação à intrusão perturba a continuidade. À época do nascimento o bebê está preparado para esse tipo de situação, e minha sugestão é de que *nos casos não-traumáticos a reação à intrusão implícita no nascimento não excede o nível de reação para o qual o feto já se encontra preparado* (Winnicott, 1949a, p. 274 – o grifo é do autor).

Ao investigar os processos relativos à integração psicossomática - o processo de personalização - ele estabelece uma distinção importante ao afirmar que, “*é em relação à linha de fronteira entre as fases de reação intolerável que o intelecto começa a funcionar como algo distinto da psique*” (Winnicott, 1949a, p. 274 – o grifo é do autor). No seu entender, “é como se o intelecto colecionasse as intrusões às quais foi necessário reagir e as guardasse detalhadamente e em seqüência, protegendo desta forma a psique até que seja restabelecido o estado de continuar a ser” (Idem). O funcionamento mental surge, assim, como um certo tipo de defesa altamente sofisticado da psique.

Numa situação mais especificamente traumática o intelecto desenvolve-se excessivamente e pode mesmo tornar-se aparentemente mais importante que a psique, e depois do nascimento pode continuar a esperar e mesmo ir de encontro às perseguições, a fim de colecioná-las e preservá-las ainda no intuito de proteger a psique (Winnicott, 1949a, p. 274).

Ainda neste ano, Winnicott dedicará um artigo à investigação desse problema, *A Mente e sua Relação com o Psicossoma*. O que nos interessa assinalar, nesse momento, é que para ele, o funcionamento mental surge como um certo tipo de resposta às ‘falhas’ ambientais (não necessariamente intoleráveis), no limite, se assim podemos dizer, entre o tolerável e o intolerável: “Uma das raízes da mente, portanto, é o funcionamento variável do psicossoma, sempre às voltas com as ameaças à continuidade do ser que acompanham cada falha da adaptação ambiental” (Winnicott, 1949b, p. 335). O corolário disso é que, “o seu desenvolvimento é muitíssimo influenciado por fatores não especificamente pessoais, e isto inclui fatores aleatórios” (Idem).

Ao mesmo tempo, o intelecto será responsável pelo registro de memórias extremamente precoces²¹, através do método da catalogação ou do congelamento da situação traumática. Winnicott acredita que, na saúde, “pode acontecer que os fatores ambientais sejam conservados fixos por esse método, até que o indivíduo esteja em condições de torná-los seus – após ter tido experiências libidinais e especialmente após experimentar impulsos agressivos, que podem ser projetados” (Winnicott, 1949b, p. 338).

Nesse contexto, o termo intrusão responde por tudo aquilo que, originando-se do meio ambiente, interrompe a continuidade do ser. No entanto, como observa Abram (2000), existem invasões que não são traumáticas, como a descrita acima. Em si mesma, a invasão “não causa nenhum prejuízo ao desenvolvimento do bebê; ela é, de fato um componente necessário ao desenvolvimento saudável” (p. 206). O que provoca as distorções no desenvolvimento são as reações à intrusão. A partir de 1952, Winnicott irá reservar a palavra *reação* para descrever as situações resultantes de falhas na adaptação ambiental, de algum tipo de intrusão. Ele atribui às reações à intrusão ocorridas durante certos períodos do desenvolvimento danos causados à personalidade, que resultam em fragmentação. Dessa forma

Todas as falhas que poderiam engendrar a ansiedade inimaginável acarretam uma reação da criança, e esta reação corta a continuidade existencial. Se há recorrência da reação desse tipo de modo persistente, se instaura um padrão de fragmentação do ser. A criança cujo padrão é o de fragmentação da continuidade do ser tem uma tarefa de desenvolvimento que fica, desde o início, sobrecarregada no sentido da psicopatologia. Assim, pode haver um fator muito precoce (datando dos primeiros dias ou horas de

²¹ Ao leitor interessado em aprofundar essa temática recomendamos a leitura dos artigos de Winnicott: *Memórias do Nascimento, Trauma do Nascimento e Ansiedade e A mente e sua Relação com o Psicossoma*, ambos de 1949.

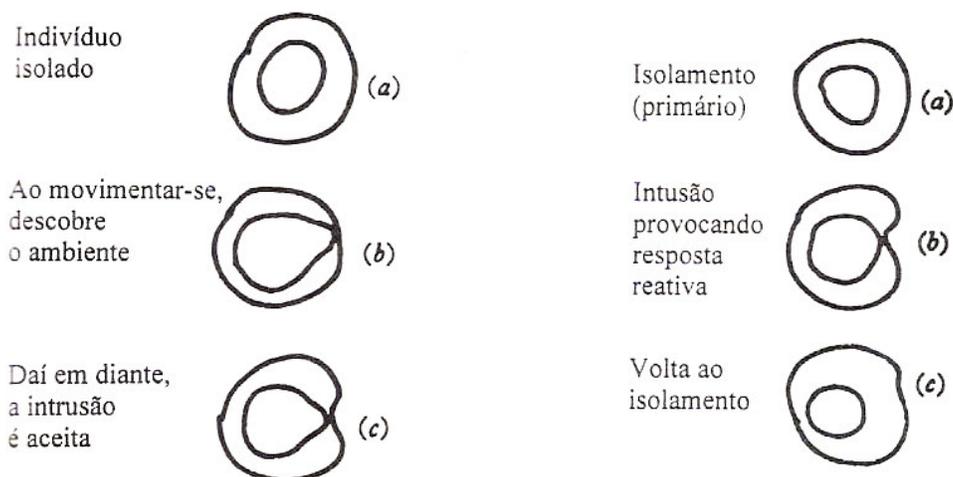
vida) na etiologia da inquietação, hipercinesia e falta de atenção (posteriormente designada como incapacidade de se concentrar) (Winnicott, 1962, p. 59).

Em 1952, no artigo *Psicose e Cuidados Maternos*, através de alguns diagramas Winnicott descreve o modo pelo qual o indivíduo é afetado pelas tendências do ambiente, enfocando, principalmente, o momento no qual o indivíduo - num estágio extremamente precoce -, começa a emergir do conjunto ambiente-indivíduo.

Fig. I

Fig. II

CONJUNTO INDIVIDUO-AMBIENTE



A Fig. I “mostra como, por uma adaptação ativa às necessidades do bebê, o ambiente lhe permite manter-se em isolamento sem ser perturbado. O bebê de nada sabe. Nesse estado, ele faz um gesto espontâneo e o ambiente é descoberto sem perda da sensação de ser” (Winnicott, 1952c, p. 310). Por outro lado, a Fig. II “mostra uma adaptação falha, que resulta em intrusão do ambiente sobre a criança, levando-a a reagir. A sensação de ser é perdida nessa situação, e pode ser readquirida somente por uma volta ao isolamento” (Idem).

Assim, para Winnicott (1950-55), todo estímulo externo que se apresenta fora do contexto do apoio egóico fornecido pela mãe ao seu bebê, implica em reação. Ele observa que, de fato, a intrusão do ambiente pode variar em grau, respondendo, então, pelo aparecimento de dois padrões de comportamento (reativo).

Num segundo padrão, o ambiente impõe-se ao feto (ou bebê), e em vez de uma série de experiências individuais, temos uma série de *reações à intrusão*. Aqui, portanto, desenvolve-se uma retirada em direção à quietude, única situação em que a existência individual é possível. A motilidade é, agora, parte da experiência da reação à intrusão. Num terceiro padrão, extremo, este último fenômeno [reação à intrusão] é exagerado a um tal grau que já não resta nem mesmo um lugar para a tranqüilidade que permite a existência individual, e a conseqüência é a de uma falha na capacidade do estado do narcisismo primário de transformar-se num indivíduo. O ‘indivíduo’ desenvolve-se então mais como uma extensão do ambiente invasor. O que resta no núcleo permanece oculto, por vezes a ponto de não ser encontrado nem mesmo através da mais profunda análise. O indivíduo, assim, *existe por não ser encontrado*” (Winnicott, 1950-55, p. 297 – o grifo é do autor).

Nesses casos, estamos considerando o fato da mãe que *não* é suficientemente boa, ou seja, que não sendo capaz de acolher o gesto espontâneo do seu bebê, sua motilidade primária, falha em propiciar a experiência de onipotência do lactente. Ao substituí-lo pelo seu próprio gesto, induz à criança a um padrão de submissão. Nessas condições, a força vital é consumida em reações à intrusão e a conseqüência é o comprometimento, em algum grau, de uma sólida instauração do *self*. Encontramos, então, um desenvolvimento baseado na experiência de reação: a existência do indivíduo será sentida como falsa, pois estará ausente sua impulsividade pessoal. O estágio inicial do falso *self* está localizado nessa submissão, resultante da inabilidade da mãe nesse momento. Nesse caso, dirá Winnicott, “não haverá fusão dos componentes agressivo e erótico, pois o *Eu* não está instaurado no momento da experiência erótica. O bebê vive, pois alguém o seduziu para a experiência erótica” (Winnicott, 1950-55, p. 303). Assim, paralelamente a uma vida erótica, jamais sentida como real, encontramos uma agressividade reativa, dependente exclusivamente de uma experiência de oposição. Ele insiste, no entanto, que o estado mais comum são os casos que se situam a meio caminho entre uma fusão satisfatória e a sua ausência, em outras palavras, aqueles que comportam “*a falta de fusão em algum grau*” (Idem - o grifo é do autor).

Nesse momento, Winnicott refere-se à existência de três *selves* em uma mesma personalidade. Vale notar que se trata da única vez que ele fez uma tal referência:

A personalidade compõe-se de três partes: um *eu* verdadeiro, com um *Eu* e um *não-Eu* claramente constituídos, e com uma certa fusão dos elementos agressivo e erótico. Teremos aqui um eu que será facilmente seduzido rumo à experiência erótica, com o resultado de que haverá a perda da sensação de realidade; um eu que se entregará inteira e impiedosamente à agressividade (Winnicott, 1950-55, p. 303-4).

Winnicott observa que “essa agressividade nem mesmo está organizada para fins de destruição, mas é valiosa para o indivíduo, porque traz consigo a sensação de realidade e a sensação de estar se relacionando” (Winnicott, 1950-55, p. 304). No entanto, para que ela possa existir ela precisa ser despertada por uma oposição ou por uma (posterior) perseguição, mas faltam-lhe raízes no impulso pessoal motivado pela espontaneidade do ego. Ou seja, de um modo geral, encontramos em todo indivíduo uma certa porcentagem de agressividade que é reativa, mas que, ainda assim, mantém o seu valor por trazer consigo a experiência de sentir-se real e a sensação de estar se relacionando.

Disso resulta uma certa confusão quando empregamos o termo agressividade, e, na verdade, o que queremos dizer é espontaneidade. O importante a ser destacado é que para Winnicott (1963c), na área de desenvolvimento que estamos avaliando, que é anterior à conquista da fusão, ao considerarmos “o comportamento do lactente que é reativo a falhas do ambiente favorável, ou da mãe-ambiente, isso pode parecer agressão; na realidade é sofrimento” (p. 165).

Como observa Abram (2000), foi a partir da experiência clínica que Winnicott estabeleceu a diferença entre um verdadeiro e um falso *self*. Ele assevera que uma parte essencial da sua teoria repousa no argumento de que “o verdadeiro *self* não se torna uma realidade viva exceto como resultado do êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo ou alucinação sensorial do lactente” (Winnicott, 1960c, p. 128). Uma idéia que, no seu entender, encontra-se “intimamente ligada à de Secheaye contida na expressão ‘realização simbólica’” (Idem, p. 133 – o grifo é do autor). Em condições de *holding* satisfatórias, “é o *gesto ou a alucinação* do lactente que se torna real, sendo a capacidade do lactente de *usar símbolos* o resultado” (Idem). Como já vimos, Winnicott vincula a idéia de um *self* verdadeiro com a do gesto espontâneo:

No estágio inicial o verdadeiro *self* é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o verdadeiro *self* em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. Enquanto o *self* verdadeiro é sentido como real, a existência do falso *self* resulta em uma sensação de irreabilidade e em um sentimento de futilidade (Winnicott, 1960c, p. 135).

Na década de 50, Winnicott apresentara o falso *self* avaliando-o em relação a uma condição doentia do ser. No entanto, em 1960, ao investigar *As Distorções do Ego em*

Termos de Falso e Verdadeiro Self, ele irá analisar a organização do falso *self* a partir de um espectro que se estende desde a patologia até a saúde. O falso *self* aparece, então, como “uma estrutura que existe para que possa defender o verdadeiro *self*, mesmo – e especialmente – no que se refere à saúde” (Abram, 2000, p. 227). Ele chama atenção para o fato de que a defesa em questão não é organizada contra os impulsos do id, mas se refere a uma organização defensiva contra o que seria inimaginável: a exploração e o aniquilamento do verdadeiro *self*.

No ponto de origem do falso *self*, “a adaptação da mãe às alucinações e impulsos espontâneos do lactente é deficiente, *não suficientemente boa*. O processo que leva à capacidade de usar símbolos não se inicia (ou então se torna fragmentado, com um recuo do lactente dos ganhos já atingidos)” (Winnicott, 1960c, p. 134). Ainda que nesses casos possa se esperar pelo pior: que o bebê morra fisicamente, porque o investimento dos objetos externos não é iniciado. Na prática, contudo, o bebê sobrevive, mas sobrevive de uma maneira falsa. Num primeiro momento, ainda é possível discernir um protesto por parte do bebê. Temos, então, um quadro clínico muito comum: irritabilidade generalizada, distúrbios da alimentação e de outras funções. Winnicott (1960c) adverte, no entanto, que esses sintomas podem desaparecer para surgir agravados em um estágio posterior.

Para Winnicott, quando esse protesto reaparece num segundo momento, o bebê é seduzido à submissão. Desde então ele passa a existir a partir de um falso *self* submisso que reage às exigências do meio aceitando-as aparentemente. A criança pode crescer se tornando exatamente como a mãe, babá, tia ou qualquer pessoa que no momento domine o cenário de sua vida.

Winnicott avalia, no entanto, que o falso *self* tem uma função positiva muito importante: ocultar o *self* verdadeiro - o que faz pela submissão às exigências do ambiente. Os relacionamentos podem, então, se estabelecer sem constituir uma ameaça para o indivíduo. Há, no entanto, um risco particular que se origina da não rara ligação entre abordagem intelectual e o falso *self*:

Quando um falso *self* se torna organizado em um indivíduo em um indivíduo que tem um grande potencial intelectual, há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso *self*, e neste caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática (Winnicott, 1960c, p. 134).

Na saúde o funcionamento mental atua no sentido do fortalecimento da integração psicossomática. No entanto, a conjunção de uma organização defensiva tipo falso *self* e o uso de um intelecto apurado na resolução de problemas pessoais resulta num quadro clínico com características peculiares. Como bem nos relata o autor, “o mundo pode observar o êxito acadêmico de alto grau, e pode achar difícil acreditar no distúrbio do indivíduo em questão, que quanto mais é bem sucedido, mais se sente falso” (Winnicott, 1960c, p. 132).

Ao longo da década de 60, ficou cada vez mais evidente para Winnicott a necessidade de postular a existência de um núcleo incomunicável do *self*. Um núcleo que, conforme ele, nunca se comunica com o mundo dos objetos percebidos - a pessoa percebe que não deve nunca se comunicar com ou ser influenciado pela realidade externa. No seu entender, “*cada indivíduo é isolado, permanentemente sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado*” (Winnicott, 1963c, p. 170 – o grifo é do autor). Uma realidade dura que, no entanto, pode ser amenizada através da experiência cultural já que,

...no centro de cada pessoa há um elemento não-comunicável, e isto é sagrado e merece muito ser preservado. [...] As experiências traumáticas que levam à organização das defesas primitivas fazem parte da ameaça ao núcleo isolado, da ameaça dele ser encontrado, alterado, e de se comunicar com ele (Winnicott, 1963c, p. 170).

Haveria, no entanto, uma clivagem saudável da personalidade: “cada pessoa tem um *self* educado ou socializado, e também um *self* pessoal privado, que só aparece na intimidade, Isso é comum e pode ser considerado normal” (Winnicott, 1964b, p. 55). Essa divisão do *self* é uma conquista inerente a um crescimento pessoal saudável. Na doença, a divisão é uma questão de cisão na mente, que varia em profundidade, sendo a mais profunda a esquizofrenia. A diferença é que esse *self* educado ou socializado tem como lastro o *self* verdadeiro que pode tornar-se, de fato, uma realidade viva. É importante notar que esse aspecto submisso do *self* verdadeiro no viver normal é resultante da habilidade do bebê de se submeter e de não se expor. A capacidade de conciliação surge como uma conquista do indivíduo.

Partindo dessas premissas, ele acaba por concluir que no caso da clivagem saudável o indivíduo se apresenta como um ser espontâneo e criativo, podendo dispor da

área intermediária da experiência vinculada à vida cultural, bem como da capacidade de usar símbolos:

No indivíduo normal, que tem aspecto de ser submisso ao *self*, mas que existe e que é um ser espontâneo e criativo, existe ao mesmo tempo a capacidade para o uso de símbolos. Dito de outro modo, normalidade aqui está intimamente ligada à capacidade do indivíduo de viver em uma área que é intermediária entre o sonho e a realidade, aquela que é chamada de vida cultural. Como contraste, onde há um alto grau de *splitting* entre o *self* verdadeiro e o falso *self* que oculta o *self* verdadeiro verifica-se pouca capacidade para o uso de símbolos, e uma pobreza da vida cultural. Ao invés de objetivos culturais, observam-se em tais pessoas extrema inquietação, uma incapacidade de se concentrar e uma necessidade de colecionar ilusões da realidade externa, de modo que a vida toda do indivíduo pode ficar cheia de reações a essas ilusões (Winnicott, 1960c, p. 137).

Por fim, resta salientar que as conseqüências de um apoio defeituoso ao ego por parte da mãe, nesse estágio precoce - antes que o bebê tenha estabelecido a distinção entre eu e não-eu -, podem ser devastadoras. Segundo Winnicott, além do desenvolvimento de uma defesa organizada nos termos de um falso *self*, essas distorções podem incluir as bases para o aparecimento de: esquizofrenia infantil ou autismo, esquizofrenia latente, falsa autodefesa e personalidade esquizóide. No seu entender, a psicose é uma doença provocada essencialmente por uma deficiência na provisão ambiental:

É errado pensar na enfermidade psicótica como um colapso; ela é uma organização defensiva relacionada a uma agonia primitiva, e é geralmente bem-sucedida (exceto quando o meio ambiente facilitador não foi deficiente, mais sim atormentador, que é talvez a pior coisa que pode acontecer a um bebê humano) (Winnicott, 1963g, p. 72).

Desse modo, Winnicott associa a maternagem suficientemente-bona nesses momentos iniciais à prevenção das doenças mentais. Mais especificamente, a base para a saúde mental, no sentido da menor vulnerabilidade aos estados esquizóides e à esquizofrenia, é constituída nas etapas iniciais, quando o bebê está sendo gradualmente apresentado à realidade externa pela mãe.

4.4.2 A tendência anti-social ou a esperança ameaçada

Nada no mundo é feito sem esperança

Vinicius de Moraes

O conceito de tendência anti-social surgiu ao final da década de 40, como uma decorrência direta do trabalho realizado por Winnicott durante a Segunda Grande Guerra, como Consultor Psiquiátrico para o Plano de Evacuação do Governo nos arredores de Londres. Claire Winnicott, que travou conhecimento e trabalhou com ele nesse período, descreve algumas particularidades dessa experiência que teria um impacto profundo sobre ele, influenciando de maneira decisiva o seu pensamento em seus aspectos teóricos e clínicos:

Embora as circunstâncias em que Winnicott se encontrava fossem anormais por ser tempo de guerra, os conhecimentos obtidos a partir dessa experiência têm aplicação geral porque, as crianças que sofrem privação e se tornam delinquentes têm problemas básicos que se manifestam de modos previsíveis, sejam quais forem as circunstâncias. Além disso, as crianças que passavam à responsabilidade de Winnicott eram aquelas que necessitavam de providências especiais porque não podiam ser instaladas em lares comuns. Em outras palavras, já estavam em dificuldades em seus próprios lares antes da guerra...

A experiência de evacuação teve um efeito profundo em Winnicott, pois teve de enfrentar, de um modo concentrado, a confusão gerada pela desintegração maciça da vida familiar, e teve de vivenciar o efeito da separação e da perda – e da destruição e morte. As reações pessoais sob a forma de comportamento bizarro e delinvente compreendidas por Winnicott, trabalhando com uma equipe local. As crianças com quem ele trabalhou tinham chegado ao fim da linha; não tinham mais para onde ir, e como mantê-las tornou-se a principal preocupação de todos os que tentavam ajudá-las... Não há dúvidas de que trabalhar com crianças desapossadas deu uma dimensão inteiramente nova ao pensamento de Winnicott e à sua prática, e afetou seus conceitos básicos sobre crescimento e desenvolvimento emocionais. Cedo suas teorias sobre as pulsões que estão por trás da tendência anti-social começaram a tomar forma e a ser expressas (Winnicott, C., 1987, p. XI).

Até aquela época, a etiologia da delinqüência era vista principalmente pela teoria psicanalítica, em termos da luta que se trava no mundo interior, ou psique, do indivíduo. Em outras palavras, tanto a delinqüência quanto a criminalidade estavam associadas à ansiedade ou culpa resultante da inevitável ambivalência inconsciente. A idéia básica era de que quando a culpa se acumula e não encontra saída na sublimação ou reparação, algo tem que ser feito, ou atuado (*acted out*), para que o indivíduo se sinta culpado disso. Algum alívio advinha a partir do imperativo e da posterior punição (Abram, 2000). Em sua abordagem, Winnicott irá destacar o papel fundamental do meio ambiente externo na etiologia da tendência anti-social, vinculando-a à qualidade das relações objetais precoces. Ele emprega o termo de-privação para indicar a perda sofrida pela criança - num período de dependência relativa -, de algo que ela havia experimentado de maneira

satisfatória na etapa anterior, da dependência absoluta. A tendência anti-social constitui-se, portanto, em um imperativo – uma compulsão – resultante de uma falha ambiental ocorrida em um período de dependência relativa.

Em 1946, um ano após o término da guerra, Winnicott faz uma conferência para magistrados intitulada *Alguns Aspectos Psicológicos da Delinquência Juvenil*. Nela, ao buscar estabelecer uma ligação entre um aspecto da delinquência e uma de-privação sofrida pela criança na vida familiar, ele já apresenta os principais elementos que irão constituir o cerne do seu pensamento sobre esse problema. Dez anos depois, ele apresenta *A Tendência Anti-Social*, um trabalho que, segundo Abram (2000) irá se revelar como a sua expressão definitiva sobre esse assunto. Por fim, em 1967, em *A Delinquência Como Um Sinal de Esperança*, encontramos formulada a última evolução do seu pensamento sobre esse tema, na qual a função do pai – presente em seu texto de desde 1946 – atinge o ápice da sua teorização.

Antes de qualquer coisa, Winnicott chama atenção para o fato de que, “a tendência anti-social não é um diagnóstico. Não se pode compará-la diretamente com outros tipos de diagnóstico, tais como neurose ou psicose. Pode ser encontrada tanto em indivíduos normais quanto em neuróticos ou psicóticos” (Winnicott, 1956b, p. 408). No seu entender, a sua etiologia é bem clara: *a tendência anti-social está associada à experiência de privação*. Em outras palavras, “pode-se dizer que as coisas *iam bem, mas, de repente, começaram a não ir tão bem assim*” (Winnicott, 1967b, p. 82 – o grifo é do autor). Ele esclarece que, apesar de estar se referindo apenas a crianças, trata-se de um fenômeno que pode ser encontrado em todas as idades. Assim, ele explica:

Quando ocorre a tendência anti-social, *aconteceu uma de-privação propriamente dita* (não uma simples privação); ou seja, deu-se a perda de algo bom, de caráter positivo na experiência da criança até um certo momento, no qual esse elemento positivo foi retirado. A retirada estendeu-se por um período maior que aquele durante o qual a criança seria capaz de manter viva a memória da experiência. A definição abrangente da *de-privação* incluiria tanto a situação traumática tardia quanto a anterior, tanto o trauma específico quanto a situação traumática que se prolonga no tempo, e também simultaneamente a condição quase normal e a claramente anormal (Winnicott, 1956b, p. 410 – o grifo é do autor).

Essa noção encontra-se fortemente enraizada na maneira de Winnicott conceber as condições de desenvolvimento de uma criança normal. E com relação a esse aspecto, para ele, nem tudo são flores. A criança normal não apenas come, cresce e sorri docemente.

Nos seus termos, uma criança normal precisa poder contar com um ambiente estável e pessoal que a ajude a transpor as dificuldades inerentes aos estágios iniciais do seu contato com o princípio de realidade: conflitos e desintegrações potenciais. De modo que

Uma criança normal, se tem a confiança do pai e da mãe, usa de todos os meios possíveis para se impor. Com o passar do tempo, põe à prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se. Tudo o que leva as pessoas aos tribunais (ou aos manicômios, pouco importa no caso) tem o seu equivalente normal na infância, na relação da criança com o seu próprio lar. Se o lar consegue suportar tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, ela sossega e vai brincar; mas primeiro os negócios, os testes têm que ser feitos e, especialmente, se a criança tiver alguma dúvida quanto a instabilidade da instituição parental e do lar (que para mim é muito mais do que a casa). Antes de mais nada, a criança precisa estar consciente de um quadro de referência se quiser sentir-se livre e se quiser ser capaz de brincar, de fazer seus próprios desenhos, ser uma criança irresponsável (Winnicott, 1946b, p. 129).

Os problemas começam a surgir caso o lar falte “à criança antes de ela ter adquirido uma idéia de um quadro de referências como parte de sua própria natureza” (Winnicott, 1946b, p. 130). Nesse caso, a criança buscará a segurança necessária fora de casa, recorrendo aos avós, tios, e tias, amigos da família, escola. Caso não encontre uma estabilidade externa, ela correrá o risco de enlouquecer. A estabilidade fornecida no momento oportuno passa a ser parte constituinte da própria criança e cria as condições para que, de forma gradual, ela possa avançar da dependência rumo à independência.

No caso da criança anti-social, é uma questão de grau: ela “está simplesmente olhando um pouco mais longe, recorrendo à sociedade em vez de recorrer à família ou à escola para lhe oferecer a estabilidade de que necessita a fim de transpor os primeiros e essenciais estágios de seu crescimento emocional” (Idem).

Ainda que Winnicott estabeleça uma distinção entre a tendência anti-social e a delinqüência, ele considera que ambas têm a mesma origem: a de-privação. O termo ‘tendência anti-social’ “pode ser aplicado a tendências que aparecem na extremidade normal da escala, de vez em quando em nossos filhos ou em crianças que vivem em bons lares, e é aqui que se pode ver melhor a conexão que creio existir entre a tendência e a esperança” (Winnicott, 1967b, p. 81). Por outro lado, no caso da delinqüência, encontramos uma defesa organizada, enrijecida por ganhos secundários que diminuem o sofrimento, mas dificultam o movimento pela busca de auxílio.

Desse modo, ele concebe um espectro que pode comportar várias gradações, desde a tendência anti-social passível de aparecer até mesmo em condições favoráveis de provisão ambiental, até o ponto extremo da delinquência e da psicopatia. A progressão é dependente da maneira como as coisas irão se passar daí por diante e isso não implica em qualquer diagnóstico psiquiátrico. “A tendência anti-social caracteriza-se por um *elemento que compele o ambiente a tornar-se importante*” (Winnicott 1956b, p. 409 – o grifo é do autor). Esse elemento relaciona-se com o fato de que a criança, não tendo tido a oportunidade de criar um bom ambiente interno, passa a buscar uma moldura ou continência externa para os seus impulsos. Um controle externo é absolutamente necessário para que a criança, sentindo-se segura – *being held* -, possa brincar e viver livremente. É importante notar que há uma comunicação inconsciente em jogo.

Winnicott chama atenção para o fato de que a possibilidade de realização de tratamento da tendência anti-social depende da compreensão de um ponto que é essencial: *a tendência anti-social implica em esperança*. Ela funciona como um S.O.S da criança ao meio ambiente. Trata-se, sobretudo, de um momento de esperança, no qual a criança acredita poder chegar, novamente, àquilo que foi perdido. No entanto, “a falta de esperança é a característica central da criança de-privada que, obviamente, não é anti-social o tempo todo” (Winnicott, 1946b, p. 132 Idem). É importante notar que é apenas nos momentos de esperança que a criança manifesta a tendência anti-social. Vejamos a descrição de Winnicott:

Uma criança que tenha sido submetida a uma tal privação sofreu inicialmente uma ansiedade impensável, e então reorganizou-se gradualmente, até atingir um estado razoavelmente neutro: fica concordando com tudo, pelo fato de que uma criança não pode fazer nada mais além de concordar. Tal estado pode ser razoavelmente satisfatório, do ponto de vista das pessoas que dirigem o local. Então, por uma razão ou por outra, começa a surgir a esperança; isso significa que a criança, sem ter a menor consciência do que está ocorrendo, começa a sentir um impulso de voltar para antes do momento da privação, e assim desfazer o medo da ansiedade impensável ou da confusão que existiam antes que se organizasse o estado neutro. É exatamente este o aspecto enganoso que pessoas que cuidam de crianças anti-sociais precisam conhecer, se quiserem ver sentido no que está se passando em torno delas. Toda vez que as condições fornecerem um certo grau de novas esperanças, *então a tendência anti-social transforma-se numa característica clínica: a criança torna-se difícil* (Winnicott, 1967b, p. 84 – o grifo é do autor).

Para Winnicott (1963d), o indivíduo que sofre uma de-privação encontra-se sobrecarregado por duas moções distintas. Por um lado, existe a carga crescente do

processo de maturação perturbado e em certos aspectos detido ou adiado. Por outro, existe a esperança, sinalizando a existência de uma crença, que nunca se extingue completamente, de que possa ser ouvido e compensado pela falha sofrida. Nesse sentido, a criança, mesmo sem saber, acredita ser possível encontrar alguém que a ouça e a ajude a recordar o momento em que a privação ocorreu ou a época em que a privação tornou-se uma realidade incontornável. Caso não seja oferecida nenhuma ajuda por ocasião da manifestação da tendência anti-social, “os ganhos secundários rapidamente assumem o comando, diminuem o sofrimento e interferem no empenho do indivíduo em procurar por ou aceitar o auxílio que se ofereça” (p. 186). Ou seja, é possível que os próprios atos adquiram importância adicional para o indivíduo e o sentimento de culpa se extravie. A reincidência dessas condições podem levar ao que Winnicott denominou como delinquência não-curada.

Ele enfatiza, no entanto, que “o tratamento da tendência anti-social não é psicanálise mas o manejo, o ir ao encontro do momento de esperança e corresponder-lhe” (Winnicott, 1956b, p. 409). Muitos momentos de esperança podem ser desperdiçados por manejo inadequado ou pela falta de tolerância. Para Winnicott (1963d), a tentativa de ir ao encontro da tendência anti-social do paciente tem dois aspectos: a tolerância das exigências do paciente, sem retaliação - reveladora da consistência do amor e da disponibilidade pessoal do terapeuta acolher -, e a provisão de uma estrutura de apoio ao ego que seja relativamente indestrutível.

Nesse ponto, é importante considerarmos a existência de duas vertentes da tendência anti-social, ainda que a ênfase possa recair, em alguns momentos, mais sobre uma do que a outra. Uma das vertentes é representada pelo roubo e a outra é a da destrutividade ou explosões agressivas. Em linhas gerais, elas podem ser descritas da seguinte maneira:

Em uma das vertentes, a criança procura algo em algum lugar e, fracassando em seu intento, procura-o em outro lugar, quando tem esperança. Na outra, a criança busca a quantidade de estabilidade ambiental necessária para suportar o embate do comportamento impulsivo. Trata-se da busca por uma provisão ambiental perdida, uma atitude humana que, por ser confiável, proporciona ao indivíduo a liberdade de mover-se e agir e excitar-se (Winnicott, 1956b, p. 411 – o grifo é do autor).

No entender de Winnicott, o primeiro desses aspectos, o roubo, encontra-se relacionado “à interação da criança pequena com a mãe; e o outro com o desenvolvimento posterior, que constitui a interação da criança com o pai. O primeiro se refere a toda

criança, e o segundo se refere aos meninos” (Winnicott, 1967b, p. 84). Ele esclarece: “falo de um menino, mesmo que seja uma menina, continuo falando sobre o menino que há na menina”. Aqui, vale lembrar que o que Winnicott (1971e) define como “elemento ‘masculino’ transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto²²” (p. 113).

Ele observa que, quando a criança encontra-se às voltas com a vertente do segundo tipo, as reações que ela provoca mobilizam o ambiente como um todo, “como se buscasse uma moldura cada vez mais ampla, um círculo que teria como seu primeiro exemplo os braços ou o corpo da mãe” (Winnicott, 1956b, p. 411). No seu entender, seria possível perceber uma série, nessa busca, pela criança, de um ambiente confiável que possa lhe oferecer a segurança necessária: “o corpo da mãe, seus braços, o relacionamento dos pais, o lar, a família, incluindo primos e parentes próximos, a escola, o bairro com sua delegacia, o país e suas leis” (Idem).

Winnicott (1956b) localiza o roubo, juntamente com o seu correlato a mentira, no centro da tendência anti-social, relacionando-os com a perda da mãe. Mais especificamente, da sua aptidão em se adaptar às necessidades de seu filho, capacitando-o a encontrar objetos de maneira criativa, ou seja, da mãe que o inicia no uso criativo do mundo:

A criança que rouba um objeto não está em busca *do objeto roubado, mas da mãe sobre a qual ela tem direito*. Esses direitos derivam do fato de que (do ponto de vista da criança) a mãe foi criada por ela. A mãe correspondeu à criatividade primária da criança, tornando-se assim o objeto que a criança estava pronta para encontrar. (A criança não poderia ter criado a mãe, mas o significado da mãe para ela depende da sua criatividade.) (Winnicott, 1956b, p. 411- o grifo é do autor).

Na medida em que a adaptação da mãe às necessidades do filho falha, a criança perde contato com os objetos e, com isso, perde também a capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente. No momento de esperança, a criança tenta alcançar um objeto, ela o rouba. Trata-se de “um ato compulsivo e a criança não sabe por que age assim. Muitas vezes, a criança se sente louca por ter tido uma compulsão de fazer algo sem saber por quê” (Winnicott, 1967b, p. 84). Naturalmente, o objeto roubado não a satisfaz. Afinal,

²² Em seus últimos trabalhos, Winnicott estabelece a distinção entre os elementos masculino e feminino puro. Enquanto o último tem suas raízes na experiência fusional com a mãe, o elemento masculino encontra-se vinculado ao brincar na luta travada pelo bebê a fim de estabelecer a distinção entre eu e não-eu; denota uma capacidade de diferenciação que está fundada sobre uma separação, bem como no desenvolvimento do ego.

não era um objeto o que estava sendo procurado, mas, sim a capacidade de encontrar; ou melhor, a capacidade de encontrar os objetos criativamente.

Winnicott chama atenção para o fato de que a manifestação do primeiro tipo de expressão da tendência anti-social é algo que, de tão comum, chega a ser normal. Assim, ele concebe a existência de uma escala que teria em um dos extremos algo que “está enrijecendo como ato compulsivo sem significado e sem produzir satisfação direta, mas florescendo enquanto habilidade; e em outro extremo existe algo que acontece repetidamente em toda família” (Idem, p. 85). Em outras palavras, em qualquer família pode acontecer de a criança sofre uma de-privação, mesmo que relativa, e reagir fazendo uso de algum ato anti-social. É comum, nessas ocasiões, os pais respondem de modo indulgente durante um certo período, compreendendo que a criança está passando por uma fase difícil. Trata-se de algo que freqüentemente acontece, por exemplo, por ocasião do nascimento de um irmão.

Nesse ponto Winnicott coloca a questão: “é possível reunir numa só as duas vertentes, o roubar e o destruir, a busca do objeto e aquilo que esta provoca, a compulsão tanto libidinal quanto agressiva?” (Winnicott, 1956, p. 411). A seu ver, “a união das duas vertentes está na criança, e representa uma tendência em direção à autocura, a cura da des-fusão dos instintos” (Idem). Tudo vai depender do grau de fusão que a criança dispõe à época da de-privação original.

Quando já existe, à época da de-privação original, algum grau de fusão da raiz agressiva (ou motilidade) com a raiz libidinal, a criança reivindica a mãe através de uma mistura de roubos e agressões e desordens, de acordo com o aspecto específico do seu desenvolvimento emocional. Quando o grau de fusão é menor, a busca pelo objeto e a agressão estão mais separadas, e haverá um grau maior de dissociação na criança. (Winnicott, 1956b, p. 412).

Winnicott chega, então, à “proposição de que *o grau da perturbação causada pela criança anti-social é um aspecto essencial*, indicando uma potencialidade de recuperação da perdida fusão entre os impulsos libidinal e motor” (Winnicott, 1956b, p. 412 – o grifo é do autor). Ao desempenhar as suas funções, toda mãe depara-se constantemente com algum grau de perturbação em seu bebê: molhar o colo da mãe enquanto mama, regurgitar, sujar as fraldas com muita freqüência, etc... Desde o início, a busca se adaptar às necessidades do seu bebê, levando em conta as alterações que ele expressa em episódios cotidianos. No entanto, para Winnicott “todo e qualquer exagero no

grau de perturbação provocada pelo bebê pode indicar a existência de um certo grau de deprivação e de tendência anti-social. (Idem). Assim, o que caracteriza a tendência anti-social enquanto sintoma é o seu *caráter perturbador*. Pode-se dizer que esse caráter perturbador explorado pela criança deriva, em grande parte, de moções inconscientes porém, não tem nada de casual. Isso significa que o bebê, mesmo não podendo dar uma ‘conferência’ sobre o que está se passando, sabe muito bem do que se trata. Ele percebendo a falha ambiental, reage, comunicando à mãe o seu desconforto.

Em 1956, Winnicott se detém em investigar a natureza, bem como a origem e os primeiros sinais da tendência anti-social, relacionando-os, principalmente, à vertente do roubo. Nesse momento, sua intenção é mostrar que “os primeiros sinais de *de-privação* são tão comuns, que muitas vezes passam por algo normal” (Winnicott, 1956b, p. 412 – o grifo é do autor). Eles surgem, inicialmente, como pequenas alterações no comportamento do bebê, uma reação ao sofrimento oriundo das falhas no cuidado materno.

Winnicott atenta para a valorização da experiência de frustração no âmbito da teoria psicanalítica, que resultaria na idéia de que a mãe deve falhar em sua capacidade de adaptar-se às necessidades da criança. A seu ver, trata-se de “uma idéia errônea, baseada na consideração pelas necessidades do Id e no desprezo pelas necessidades do ego” (Idem). Aqui é preciso um parêntese. Como vimos no início deste capítulo, na abordagem de Winnicott encontramos uma valorização da vida. Ele tem por máxima que o Ser deve vir antes do Fazer, pois, afinal, a vida “está mais próxima do SER do que do sexo” (Winnicott, 1967a, p. 18). Nesse contexto, ele chama atenção para a existência de necessidades do ego, em contraposição às necessidades do Id, enfatizando que a principal tarefa da mãe após propiciar a experiência de ilusão, é a desilusão. Ou seja, é importante que a mãe tenha sucesso na sua adaptação à necessidade crescente do bebê de entrar em contato com o princípio de realidade. Assim:

A mãe necessariamente falha em satisfazer as exigências instintivas, mas pode ser perfeitamente bem-sucedida em jamais deixar que o bebê se sinta desamparado, *provenho as suas necessidades egóicas* até o momento em que ele já possua introjetada uma mãe que apóia o ego, e tenha idade suficiente para manter essa introjeção apesar das falhas a esse respeito (Winnicott, 1956b, p. 413 – o grifo é do autor).

Desse modo, Winnicott entende os primeiros sinais da tendência anti-social como uma reação a uma quebra na continuidade de ser e não à experiência de frustração. A

partir desse ponto de vista, ele faz observações importantes, extremamente elucidativas sobre alguns significados do comportamento infantil. Primeiramente, ele comenta a manifestação do comportamento tirânico que, freqüentemente, induz os pais a uma reação de submissão à criança. Ele é enfático ao afirmar que “*não se trata, neste caso, de onipotência infantil*, pois esta é uma questão de realidade psíquica, não de comportamento” (Winnicott, 1956b, p. 412 - o grifo é do autor). Em outras palavras, quando a onipotência infantil se manifesta em termos de comportamento é porque ela já se transformou em um dos primeiros sinais da tendência anti-social.

Da mesma forma, ele avalia as alterações, muito comuns, no comportamento relativo à alimentação, tais como a sofreguidão e o seu correlato, a inibição de apetite, chamando atenção para a necessária distinção entre sofreguidão e voracidade. O ponto central do seu argumento é que voracidade é uma formulação teórica e não um comportamento efetivo.

O termo voracidade é utilizado nas *formulações teóricas* sobre as tremendas reivindicações instintivas feitas às mães pela criança no início, isto é, na época em que a mesma está apenas começando a admitir a existência separada da mãe, na aceitação inicial do princípio de realidade (Winnicott, 1956b, p. 412 – o grifo é nosso).

A sofreguidão é a precursora da compulsão a roubar, podendo ser enfrentada e curada apenas pela adaptação terapêutica da mãe, que comumente denominamos ‘mimar’. Em seu exame do ato de roubar, Winnicott ainda associa a compulsão de sair e comprar algo, bem como, o ‘sair por aí’, a *vadiagem*, como uma forma de ampliação dos horizontes da busca.

Em 1956, ele se detém em avaliar o ponto de origem da tendência anti-social, enfatizando a necessidade de se considerar que na sua base existe uma experiência inicial boa que foi perdida.

Como toda a certeza, *um dos aspectos essenciais é o de que o bebê tenha alcançado a capacidade de perceber que a causa foi devida a uma falha no ambiente*. A compreensão correta de que a causa da depressão ou da desintegração é externa, e não interna, provoca a distorção da personalidade e o impulso de buscar a cura numa provisão ambiental. O grau de maturidade do ego que permite a percepção desse tipo determina o desenvolvimento de uma tendência anti-social em vez de uma doença psicótica. (Winnicott, 1956b, p. 415 – o grifo é do autor).

Segundo Winnicott, “o momento para a ocorrência da *de-privação* original é durante o período em que o ego do bebê ou da criança pequena encontra-se em processo de

alcançar a fusão das raízes libidinal e agressiva (motilidade) do Id” (Winnicott, 1956b, p. 415). Em função disso, ele descreve o momento de esperança como um momento em que a criança:

Percebe um novo contexto que apresenta certos aspectos confiáveis.
 Experimenta um impulso que poderia ser chamado de ‘busca de objeto’.
 Reconhece o fato de que a ausência de compaixão está à beira de transformar-se numa característica, e então,
 Agita o ambiente à sua volta na intenção de alertá-lo para o perigo e fazê-lo organizar-se para tolerar a perturbação.
 Se a situação continua firme. O ambiente terá de ser testado e retestado quanto a sua capacidade de suportar a agressão, de prevenir ou reparar a destrutividade, de reconhecer o elemento positivo da tendência anti-social, e de prover e preservar o objeto que deve ser buscado e encontrado (Winnicott, 1956b, p. 415).

Winnicott (1967c) confessa ter precisado de uns quatro anos para, finalmente, compreender o caráter destrutivo da outra vertente da tendência anti-social. Nesse meio tempo, torna-se mais evidente para ele a função do pai com relação a esses acontecimentos, o que permite que as duas vertentes possam ser recolocadas em termos da perda mãe e da perda do pai – “o pai paterno, não o pai que fica em lugar da mãe. O importante é a moldura, a força – a privação em termos disso” (p. 440). Ele relata que chegou a essa conclusão observando o comportamento da criança quando ela “fica bem e começa a sentir confiança em um homem, em uma estrutura ou em uma instituição. Ela começa a quebrar coisas para ficar inteiramente certa de que o arcabouço pode agüentar” (Idem).

Winnicott tem em mente, nesse momento, o menino, ou seja, os relacionamentos nos quais a agressividade (motilidade) tem apoio instintual. No seu entender, é no quadro de referências da família - que representa a sociedade de forma localizada – que a criança adquire a segurança necessária para explorar o mundo, experimentando suas idéias e sentimentos agressivos. De modo que

O pai rigoroso que a criança evoca também pode ser amoroso mas deve ser, antes de tudo, severo e forte. Somente quando a figura paterna rigorosa e forte está em evidência a criança pode recuperar seus impulsos primitivos de amor seu sentimento de culpa e seu desejo de corrigir-se (Winnicott, 1946b, p. 131).

Por outro lado, através da observação do comportamento do delinqüente ele pode avaliar os efeitos, para a criança, da de-privação da referência paterna.

A menos que se veja em apuros, o delinqüente só poderá tornar-se cada vez mais inibido no amor e, por conseguinte, cada vez mais deprimido e despersonalizado,

tornando-se por fim totalmente incapaz de sentir a realidade das coisas, exceto a realidade da violência (Winnicott, 1946b, p. 131).

Como temos observado, a segurança ambiental encontra-se intimamente relacionada à figura paterna. Ela é imprescindível à criança para a realização de uma tarefa complexa do desenvolvimento: a integração de seus impulsos destrutivos com os amorosos. O resultado disso, se tudo corre bem, é que “a criança reconhece a realidade das *idéias* destrutivas que são inerentes, na vida, ao viver e ao amor, e encontra modos e maneiras de proteger de si mesma pessoas e objetos valorizados” (Winnicott, 1967b, p. 85). Winnicott acredita na existência de uma tendência inata que conduz a criança a um viver construtivo, encontrando os meios adequados de conviver sua destrutividade real que passa por sua. Para a criança, o prazer em construir uma torre de cubos resulta do reconhecimento do seu desejo por destruí-la. Uma brincadeira tão comum que, no entanto, para ser usufruída exige a conquista, pela criança, de uma etapa complexa etapa do desenvolvimento. Os cuidados paternos são vitais: “para adquirir isso em seu desenvolvimento, a criança *requer, de modo absoluto, um ambiente que seja indestrutível em certos aspectos essenciais*” (Winnicott, 1967b, p. 85-6 – o grifo é do autor). Em outras palavras, nesse processo, é preciso que o pai possa representar, para a criança, o ambiente indestrutível: aquele que não pode ser destruído nem pelo seu ódio, nem pela sua agressão.

Assim, quando por algum motivo a estabilidade familiar é perdida, ocorre uma de-privação. A criança torna-se, então, insegura em virtude de suas idéias e de seus impulsos agressivos, tendo que assumir a função de controle que foi perdida, identificando-se com o novo quadro de referências:

A criança perde sua própria impulsividade e espontaneidade. O nível de ansiedade é tão alto que o ato de experimentar, que poderia fazê-la chegar a um acordo com a própria agressividade, torna-se impossível. Segue-se um período que pode ser outra vez (como no primeiro tipo de privação) razoavelmente satisfatório do ponto de vista daqueles que cuidam da criança, no qual o menino está mais identificado com os tutores do que com seu próprio *self* imaturo (Winnicott, 1967b, p. 86).

A possibilidade de retorno da segurança renova as esperanças da criança, permitindo que ela manifeste a tendência anti-social, redescobrando assim sua própria agressividade. Seja por meio do roubo ou de uma explosão agressiva, o importante é de que se trata de uma agressão que para a criança é desprovida de lógica (conscientemente).

No entender de Winnicott, essas duas vertentes da tendência anti-social estão relacionadas entre si, apenas a experiência de de-privação que originou o roubo ocorreu muito antes de a criança ser capaz de uma explosão agressiva. Ele chama atenção para fato de que a sociedade, de maneira geral, responde a essas condutas de forma moralista, o que contribui, na maioria das vezes, para acirrar as defesas e incrementar os ganhos secundários. Algo totalmente ineficaz se a intenção for chegar à verdadeira causa ou à etiologia da perturbação.

O trabalho realizado durante a guerra com crianças de-privadas teve importância decisiva tanto na elaboração da teoria do desenvolvimento emocional primitivo de Winnicott, quanto na sua maneira de conceber a prática clínica. No seu entender,

Não há necessidade de que o indivíduo no papel de psicoterapeuta seja inteligente. A única coisa necessária é o desejo de se envolver, naquele período de tempo particular, limitado, com o que quer que o paciente produz, a qual logo se desenvolve e desencadeia um processo poderoso. É esse processo nas crianças que torna essas sessões valiosas (Winnicott, 1967b, p. 89).

Haveria, portanto, um outro significado para a palavra ‘terapêutico’. Nesses casos, o indivíduo pode encontrar ajuda na psicoterapia ou em uma instituição onde existam pessoas sensíveis às suas necessidades, capazes de comunicar com o paciente em nível profundo. Winnicott, no entanto, acreditava que a grande maioria das crianças de-privadas podem ser ajudadas dentro de suas próprias famílias. Em todo caso, a chave para o tratamento é dada “pela parte que o ambiente exerce no caso de *curas naturais*. Nos casos leves o ambiente pode ‘curar’, porque a causa era uma falha ambiental na área de auxílio ao ego e proteção em estágio de dependência individual” (Winnicott, 1963d, p. 186 – o grifo é do autor).

Khan (2000) confessa que a hipótese de Winnicott acerca da tendência anti-social teve um impacto enorme em sua própria prática clínica, modificando profundamente todo o seu modo de se relacionar com os seus pacientes. Através dela ele pode “reavaliar inteiramente o que à primeira vista seria identificado como resistência ou reação terapêutica negativa sob uma luz bem mais positiva” (p. 35) – uma comunicação. Ele resume o seu ponto de vista da seguinte maneira:

As pesquisas de Winnicott ampliam e intensificam a tremenda tarefa terapêutica que herdamos de Freud, a qual consiste em criar um ambiente onde o outro, a partir de sua carência e de sua incapacidade, poderia crescer e aprender a testar e a experimentar

tudo aquilo que até então era uma tentativa de autocura emudecida, ferida e vingativa, a fim de transcendê-la em direção à verdadeira capacidade de confiar nos outros e de personalizar a si mesmo, sem mais sentir-se ameaçado nem pela aniquilação nem por aquela submissão conivente representada pela definitiva *dissociação do Verdadeiro Eu* (Khan, 2000, p. 36).

Na opinião de Khan (2000), enquanto “Freud havia mostrado que todo sintoma traz consigo a realização de um desejo; Winnicott leva tal idéia adiante, mostrando que todo comportamento anti-social carrega dentro de si a proclamação da necessidade original não preenchida” (Idem, p. 36). De um modo geral, os pacientes que manifestam uma tendência anti-social apresentam sérias dificuldades em simbolizar. “Enquanto desejos reprimidos transformam-se facilmente em processos simbólicos,... a de-privação de necessidades busca a realização antes que processo de simbolização possa iniciar-se” (Idem, p. 37). No entanto, “se o analista entender o ato anti-social como um sinal de esperança, a comunicação do paciente terá sido recebida. Por isso passa a existir a chance de que os imperativos desemboquem na capacidade do paciente em simbolizar e, portanto de fazer uso do espaço transicional” (Abram, 2000, p. 54). A compreensão das necessidades da criança anti-social é fundamental para o seu tratamento, ao atribuir ao gesto o valor de uma comunicação. O corolário disso é restauração do processo de realização simbólica, iniciado pela mãe, ao corresponder ao gesto espontâneo do bebê.